

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Jéssica Ayra Alves Silva

**Você nunca cagou no mato?: análise da existência e uso do
banheiro em quatro comunidades no Ceará**

Belo Horizonte

2015

Jéssica Ayra Alves Silva

**Você nunca cagou no mato?: análise da existência e uso do
banheiro em quatro comunidades no Ceará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Ciências Socioambientais
Orientadora: Profa. Dra. Sonaly Rezende Borges

Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, minha fonte segura, que me dá força para superar todos os obstáculos, atuando de maneira silenciosa e atenciosa em minha vida.

Aos meus pais, José Raimundo Alves da Silva e Doraci Alves da Silva, pelo apoio, paciência, amor e todo o suporte emocional e financeiro possível para que eu conseguisse me dedicar integralmente à graduação e a realizar meus sonhos. Além da compreensão pelas minhas andanças ao longo desta graduação.

Aos meus irmãos, Joyce, Joseane e Júlio, pela paciência nos dias de estresse, pelo amor, força e torcida durante todo o curso.

À Fundação Mendes Pimentel (FUMP), pelo suporte financeiro - através da concessão de bolsas acadêmicas - e psicológico - através do acompanhamento no decorrer de minha graduação. Em especial, aos assistentes sociais: Alviméia, Luiz Gustavo e Genesis, pela atenção, conselhos e ajuda na tomada de decisões e aflições acadêmicas.

A João Luiz pela confiança em meu trabalho, pelas contribuições nas leituras deste TCC, pela autonomia ao longo das iniciações científicas em que me acompanhou, sempre me instigando a ir além dos meus horizontes.

A Laís Santos de Magalhães Cardoso, pela amizade concedida, paciência e pelo conhecimento adquirido que o levarei por toda a minha vida.

Ao professor Léo Heller por aceitar uma cientista socioambiental em meio “a engenharia”, pela oportunidade de estágio e por sua orientação fundamentais para o meu ingresso no grupo de estudos de Políticas Públicas do DESA.

A Bernardo Aleixo de Sousa meu irmão mais velho de coração, pelo conhecimento e paciência, pelo aprendizado em campo e auxílio nas dificuldades encontradas, pela sua ajuda e colaboração deste trabalho.

A Sonaly Cristina Borges Rezende pela atenciosa orientação deste TCC, obrigada pelo conhecimento, por acreditar na minha capacidade, pela liberdade de escrita e pesquisa.

A Antônio, pela contribuição nas bibliografias, pelos momentos de desabafos e devaneios em meio a elaboração desta pesquisa.

Aos meus amigos pela compreensão das minhas ausências devido ao estudo, pela amizade, orações e carinho ao longo desta graduação.

Ao projeto Desafio pela oportunidade de participação no grupo de pesquisadores ao qual deu origem esta monografia e pelo custeio da pesquisa em campo.

Ao Programa Minas Mundi pela oportunidade de vivenciar uma experiência internacional e auxílio no decorrer do intercâmbio na Universidade de Lisboa (ULISBOA).

Aos colegas e professores do Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) pela vivência administrativa entre minhas idas e vindas, pela amizade e conhecimento.

Ao Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, em destaque a Marcos Mol, Bárbara Porto, Bárbara Marques, Bárbarah Brenda, Carlitos, Mariana, Nathália, Laura, Barbara Passos e demais colegas e professores do grupo de pesquisa de políticas públicas, pela amizade, pelas enriquecedoras conversas, pelo auxílio na pesquisa e por compartilharem comigo suas experiências e conhecimento.

À Fundação Cristiano Othoni pelo apoio acadêmico através da concessão das bolsas de iniciação científica.

As comunidades de Arataca, Andresa, Itapeim e Cristais, pela acolhida, carinho e receptividade. Por compartilharem suas histórias de vida, seu tempo sem nenhuma contrapartida e por me mostrarem a felicidade na simplicidade das coisas. Em especial a família que lindamente me acolheu, Dona Mundinha, Cristiane, Luquinha, Viviane e Isaías, por todo o carinho e atenção, pela maravilhosa comida e dedicação. A Dona Maria e ao Júnior pela receptividade, boa vontade e ajuda em campo.

Ademais, sou grata por todas as contribuições e oportunidades que me proporcionaram crescimento e amadurecimento pessoal e acadêmico.

Resumo¹

É por meio da provocação e do estranhamento que trago ao debate ações e relações que não discutimos, das quais possuímos distanciamento e aversão, problematizando e naturalizando atos do cotidiano como o do cagar. Este trabalho tem o objetivo de lançar luz sobre os residentes das localidades rurais de Cristais, Arataca, Andreza e Itapeim, no Ceará, buscando compreender e descrever, através da percepção dos interlocutores, a existência do banheiro e o motivo pela escolha do mato para aliviarem-se, ao invés do vaso sanitário. Foram realizadas entrevistas etnográficas e utilizada a observação participante em domicílios em que pelo menos um membro da família declarou que defecava a céu aberto, mesmo tendo sanitário, sendo este membro maior de 18 anos. A compreensão do que é banheiro varia de acordo com o que as pessoas percebem que configura esta infraestrutura e como elas a utilizam. A configuração do banheiro como a conhecemos, está intrinsecamente relacionada à noção de higiene, privacidade e cuidados com o corpo, e como estas ações influenciaram as mudanças de comportamento que ocorreram ao longo do tempo. O costume é o principal motivo que leva as pessoas a optarem pelo mato, mesmo na existência do banheiro, pois o ato de aliviar-se no mato já está atrelado aos seus hábitos e faz parte do seu processo de significação. Os interlocutores nasceram e foram “ensinados” em um contexto de inexistência do banheiro e seus hábitos entram em conflito com o “novo” - a inserção do vaso sanitário -, conflito esse ilustrado pela aversão à estrutura ou pelo incômodo na sua utilização. É partir do princípio inato de utilização do banheiro, ou seja, alguém que já nasceu com o conhecimento de como é banheiro e das práticas realizadas neste ambiente, querer que alguém que nunca foi exposta a essa infraestrutura se aproprie dela de imediato, utilizando-a.

Palavras-chave: Cagar no mato; banheiro; costume; vaso sanitário; utilização.

¹ Este Trabalho de conclusão de curso (TCC) se baseia em investigação levada a cabo no âmbito do Projeto DESAFIO - Democratização da Governança dos Serviços de Água e Esgotos por Meio de Inovações Sociotécnicas, desenvolvido por um grupo internacional interdisciplinar, que reúne estudiosos de cinco países (Colômbia, Brasil, Argentina, Portugal e Reino Unido) - (www.desafioglobal.org). DESAFIO recebeu financiamento do Sétimo Programa-Quadro da União Europeia para investigação, desenvolvimento tecnológico e demonstração em conformidade com o acordo nº. 320303. A informação contida neste trabalho reflete apenas a opinião da autora e a União Europeia não é responsável por nenhum uso que possa se fazer da informação contida no mesmo.

A experiência é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca.

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

Jorge Larrosa Bondía

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	5
LISTA DE ABREVIATURAS.....	5
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. VIVÊNCIA E PESQUISA EM CAMPO	10
3. CONTEXTO DAS COMUNIDADES ESTUDADAS	14
4. <i>TEM BANHEIRO NÃO, SÓ O NOME MESMO</i>	20
4.1. Sob a égide da higiene.....	24
5. CIVILIZADO PRA QUEM?.....	27
5.1. O “ser diferente”.....	29
5.2 Em busca da privacidade: experiências vividas no dia a dia da pesquisa de campo	33
6. <i>A GENTE NÃO PODE SENTIR FALTA DAQUILO QUE NUNCA TEVE</i>	35
7. A SUJEIRA OFENDE A ORDEM?	38
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE A	47
APÊNDICE B.....	48

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - População que pratica a defecação ao ar livre em zonas urbanas e rurais em 2012	7
FIGURA 2 - Localização dos municípios estudados, Ceará, Brasil.....	16
FIGURA 3 - Existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, por situação de domicílio, nos municípios de Beberibe, Cascavel, Morada Nova e Ocara, para o estado do Ceará e Brasil	18

LISTA DE ABREVIATURAS

CLTS - Community-Led Total Sanitation

COGERH - Coordenação Geral de Recursos Hídricos do Ceará

GF - Grupo Focal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JMP - Joint Monitoring Programme.

OMS - Organização Mundial da Saúde

P1MC - Programa 1 milhão de Cisternas

Plansab - Plano Nacional de Saneamento Básico

SAA - Sistema de Abastecimento de Água

SISAR/CE - Sistema Integrado de Saneamento Rural do Ceará

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2012 com 18 anos, em um fórum religioso, tive a minha primeira experiência de vivência em uma localidade rural, ainda que de cunho religioso (denominado missão) e não de pesquisa. O 5º Fórum Vedruna foi realizado em Indaiabira, Norte de Minas Gerais, com o intuito de integrar todos os jovens das localidades em que as irmãs Vedruna possuíam instalação e trabalho social. Conheci jovens do Sul, do Norte e Nordeste, todos de alguma forma envolvidos em ações sociais ou em pastorais da igreja.

O momento mais aguardado do encontro foi a divulgação das localidades nas quais seriam realizadas as missões. Lembro-me que nenhum de nós queria permanecer em Indaiabira, todos queríamos o desafio do novo. Fomos distribuídos em equipes de seis jovens para as áreas rurais da região. Minha equipe foi enviada para a localidade rural de Areias, na qual mais uma vez fomos separados em duplas e enviados para as casas na área dispersa da localidade; terminei minha viagem em uma residência na comunidade denominada Lobeiro. Além da típica e reconhecida hospitalidade mineira, a família que acolheu a mim e à pequena Elsimara - uma menina de 15 anos que morava na localidade de Alegria próximo de Indaiabira -, nos recebeu com café e biscoito caseiro.

Após o jantar, todos os membros da família retiraram-se para dormir, eu e minha companheira de missão fomos escovar os dentes na pia que possuíam na área de serviços da casa. Posteriormente, após perguntarmos se poderíamos utilizar o banheiro, a senhora da casa retirou-se e ao voltar trazia consigo um rolo de papel higiênico e uma lanterna apontando para fora da casa. Pensei comigo mesma: “Ok, o banheiro é do lado de fora, mas tem banheiro”. Elsimara e eu seguimos rumo ao quintal à procura do banheiro, encontramos um local que não possuía porta e sim um pano, dentro havia um buraco no chão em formato de círculo sem nenhuma ventilação, por conta disto o odor não era agradável. Tentei, mas ao contrário de Elsimara, não consegui utilizar a estrutura. Por qual motivo não consegui utilizá-lo? Por que o estranhamento? Nunca havia me deparado com outra estrutura de banheiro que não fosse a convencional existência do vaso sanitário, lavatório e chuveiro.

As casas que visitei na localidade de Lobeiro eram muito humildes; muitas não possuíam banheiro e, por esse motivo, seus moradores praticavam a defecação a céu aberto. Após anos desde aquela vivência, não poderia imaginar que hoje investigaria a existência e a utilização do banheiro. Nesta pesquisa, em específico, o que aguçou a

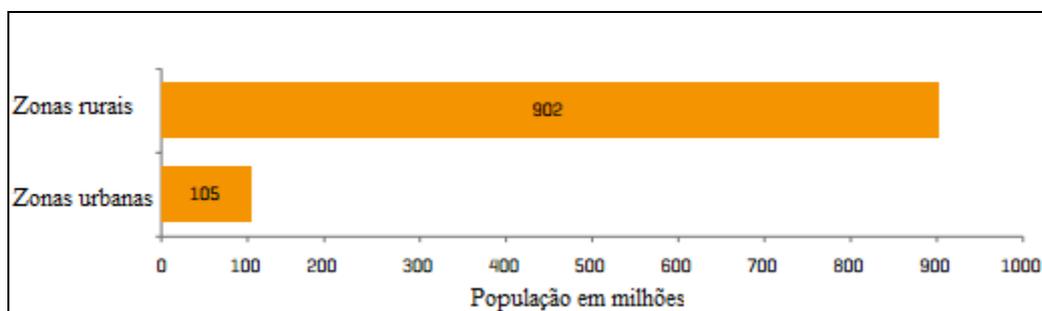
curiosidade é que nas localidades pesquisadas verificou-se a utilização do mato para satisfazer as necessidades fisiológicas em domicílios que possuíam o vaso sanitário.

Segundo o Programa Conjunto de Monitoramento (JMP)² - administrado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (JMP, 2014, p. iv), cerca de um bilhão de pessoas no mundo defecam ao ar livre, destes um bilhão de pessoas 82% vive em apenas 10 países, sendo dos continentes Asiático e Africano. A Índia continua sendo o país com maior número de pessoas (597 milhões) que praticam a defecação a céu aberto.

No relatório sobre os progressos em matéria de água e saneamento publicado em 2014, a OMS/UNICEF destaca que apesar das significativas reduções mundiais da prática de defecação ao ar livre entre 1990 e 2012, de 24% para 14%, a existência de assimetrias entre as regiões mundiais, entre rural e urbano, entre ricos e pobres e marginalizados, são barreiras para a equidade no acesso ao saneamento básico (JMP, 2014).

Em um recorte segundo a situação de domicílio, estima-se que nove em cada dez pessoas que defecam ao ar livre, em todo o mundo, vivem em zonas rurais, configurando, assim, uma prática predominantemente rural (Fig. 3) (JMP, 2014). Para avançar na melhoria do acesso às condições adequadas de abastecimento de água e esgotamento sanitário é necessária a redução das desigualdades no saneamento e consequente redução da situação de vulnerabilidade à qual a população é exposta ao viver em condições insalubres.

FIGURA 1 - População que pratica a defecação ao ar livre em zonas urbanas e rurais em 2012



Fonte: JMP, 2014.

O cenário sanitário brasileiro configura um bom exemplo das disparidades de acesso à água e esgotamento sanitário entre as zonas rurais e urbanas. Segundo dados do

² Em inglês *Joint Monitoring Programme*.

Censo Demográfico de 2010, dos 48.936.873 de domicílios das áreas urbanas, cerca de 99,9% tinham banheiro ou sanitário. Já nas áreas rurais, de um total de 6.872.302 domicílios, 84,9% tinham banheiro ou sanitário (IBGE, 2010).

Os aspectos culturais que influenciam a opção pela defecação a céu aberto, mesmo que o banheiro seja uma estrutura presente no domicílio, não são descritas ou estudadas. Portanto, este trabalho, por meio do estudo de caso nas localidades rurais de Cristais, Arataca, Andreza e Itapeim, no Ceará, tem o objetivo de lançar luz sobre estas pessoas buscando compreender e descrever, através da percepção dos interlocutores, a existência do banheiro e o motivo pela escolha do mato para aliviarem-se ao invés do vaso sanitário.

A diversidade socioeconômica e cultural do Brasil possibilita o encontro com distintas realidades. Assim como me deparei no norte de Minas Gerais com uma estrutura de banheiro distinta da qual estava habituada, nas localidades pesquisadas na área rural cearense encontrei diferentes ambientes utilizados para satisfazer as necessidades fisiológicas.

No capítulo, “Vivência e Pesquisa em Campo”, apresento a pesquisa etnográfica, notadamente na observação participante como instrumento utilizado em campo, bem como os passos da pesquisa que resultaram nesta escolha metodológica.

No terceiro capítulo, realizo a apresentação das comunidades estudadas, a origem dos municípios e uma pequena introdução ao panorama sanitário destas localidades em comparação a situação sanitária do Estado do Ceará e do Brasil.

No capítulo “Tem banheiro não, só o nome mesmo”, exploro e debato o conceito de banheiro através das definições do IBGE e do Dicionário Aurélio, dialogando com o conceito do que é banheiro para os interlocutores e como é a constituição desta estrutura em seus domicílios. Neste tópico, também, é realizada a problematização não só da oferta/existência do banheiro (como normalmente é regida e voltada às ações e políticas públicas em saneamento), mas seu **uso** e as relações que estão por trás disto, como a noção de higiene e cuidado com o corpo.

O quinto capítulo tem o intuito de compreender as ações comportamentais que desempenhamos no cotidiano, muitas vezes reproduções inconscientes, incorporadas e repassadas às crianças pelo processo de socialização (RODRIGUES, 2006). Na teia de significação (GEERTZ, 1926), a qual nós mesmos produzimos e da qual também sofremos influências, busco elucidar um pouco o comportamento, além de apresentar a defecação ao ar livre e o “ser diferente”, aquele cujo “pensamento não é idêntico à realidade que lhe é exterior, ao mundo real” sendo qualquer sistema de classificação

passível ao surgimento de anormalidades (RODRIGUES, 2006, p. 222). A civilização apresenta-se como algo a ser alcançado, tendo como ideal de conduta o padrão etnocêntrico ocidental, tratando como incivilizado o comportamento que diverge deste padrão (ELIAS, 1994).

O sexto capítulo é marcado pelo conflito com o “novo”, a dificuldade em adaptar-se àquilo que foge do seu sistema de significação, expresso na negação daquilo a que não estavam habituados, o vaso sanitário.

Enfim, no último capítulo discute-se o pudor e a aversão a determinadas ações e as palavras, como o ato-termo **cagar**. É realizada também uma abordagem da nossa concepção de sujeira e limpeza, sendo a sujeira atrelada a perigo e desordem, a tudo aquilo que é necessário eliminar e manter distância por não ser puro e limpo.

É por meio da provocação e do estranhamento que trago ao debate ações e relações que não discutimos, das quais possuímos distanciamento e aversão, problematizando e naturalizando atos do cotidiano como o do cagar.

2. VIVÊNCIA E PESQUISA EM CAMPO

A definição das comunidades de estudo foi feita de forma a realizar não apenas o presente trabalho, mas também a possibilitar uma avaliação do modelo de intervenção do Sistema Integrado de Saneamento Rural do Ceará – SISAR/CE, tanto na implantação e gestão de Sistemas de Abastecimento de Água (SAA), quanto na construção de banheiros domiciliares. Assim, a localidade de Cristais foi escolhida dentre as comunidades listadas para receberem obras de SAA e banheiros domiciliares, e a escolha das comunidades Arataca, Andreza e Itapeim, identificadas como Complexo de Itapeim, foi feita dentre as comunidades próximas à localidade de intervenção (Cristais) que possuem SAA gerido pelo SISAR/CE.

A primeira etapa analisa o “antes” da intervenção – implantação do Sistema de Abastecimento de água (SAA) – na localidade de Cristais. A coleta de dados fundamentou-se na realização de um survey aplicado entre os dias 22 de maio e 15 de julho de 2014, no universo dos domicílios localizados nas quatro comunidades supracitadas. Esta etapa visou à obtenção de informações sobre características, ações e opiniões dos responsáveis pelos domicílios das localidades a serem estudadas.

Os dados levantados no decorrer da primeira etapa revelaram significativo número de domicílios que possuem um membro da família que opta por defecar a céu aberto, mesmo tendo banheiro. Tal informação despertou a curiosidade dos pesquisadores, mesmo não sendo o objeto principal de interesse do projeto de estudo. Deste modo, com intuito de compreender este contexto, foi-me apresentada à possibilidade de aprofundamento no tema desta pesquisa na segunda etapa do projeto. No entanto, os dados gerados não identificavam qual membro destas famílias realizavam a defecação a céu aberto. Neste intuito foi realizada uma atualização do questionário aplicado e inclusão da especificação do sexo (feminino/masculino) e idade (criança, jovem, adulto e idoso) da pessoa a ser aplicado na segunda etapa de coleta de dados.

A segunda etapa da pesquisa teve por objetivo analisar as conjecturas do “depois” da intervenção em Cristais. A coleta de dados compreendeu, novamente, a realização de um *survey*, aplicado entre os dias 18 de maio e 27 de julho de 2015 no universo dos domicílios das quatro localidades estudadas. No decorrer desta etapa, as aplicações de questionários nos domicílios que algum membro da família havia relatado na primeira etapa, que defeca no mato, mesmo tendo banheiro foram delegadas para

mim, pois no decorrer da aplicação - apesar da técnica de coleta de dados - foi realizado o cuidado e ações para criar maior vínculo e familiaridade com os membros da família visando um retorno para o aprofundamento do tema.

Inicialmente, a estratégia prevista para a coleta de informações em campo foi o Grupo Focal (GF), com o foco na população que havia informado defecar a céu aberto, mesmo tendo banheiro. No entanto, em campo, as coisas são diferentes e é comum deparar-se com surpresas, como bem abordou Angrosino (2009, p. 114) quando escreveu que “os etnógrafos, afinal, desenvolvem sua pesquisa na medida em que avançam”, pois

“a pesquisa qualitativa parte da ideia de que os métodos e a teoria devem ser adequados àquilo que se estuda. Se os métodos existentes não se ajustam a uma determinada questão ou a um campo concreto, eles serão adaptados a novos métodos e novas abordagens serão desenvolvidas” (BARBOUR, 2009, p. 13).

Da mesma forma as abordagens da presente pesquisa se moldaram até caminharem rumo ao melhor método para a coleta de informações. O tema da pesquisa é um tabu perante a nossa sociedade, envolto de sentimentos de vergonha ou embaraço (ELIAS, 1994). Por se tratar de uma pequena localidade, houve o receio quanto à reação das pessoas perante a ideia de seu hábito ser exposto a todos que participariam do GF. Devido à delicadeza do tema, seria “um equívoco tentar extrapolar a partir de discussões de um grupo focal para tentar medir atitudes individuais” (BARBOUR, 2009, p. 56).

Assim sendo, foi realizada uma mudança no método de pesquisa, após uma pausa das atividades de campo nas localidades rurais, tendo sido elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado. No dia seis de junho de 2015, esse instrumento foi utilizado na realização de um pré-teste com dois moradores da comunidade de Arataca para sua validação e adequação dos termos nele utilizados. No pré-teste um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi aplicado previamente ao início da coleta de informações, bem como solicitado consentimento dos moradores para a gravação das entrevistas. No entanto, foi observado, que tanto o documento, quanto o registro em áudio geraram certo incômodo, constrangimento e ocasionaram um cuidado da fala. Desta forma, a entrevista semiestruturada não foi utilizada nas demais visitas além do pré-teste.

E por querer ouvir, conhecer essas pessoas, “sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha que meramente se aproximam da superfície de um problema” (ANGROSINO, 2009, p.

62;), além de procurar esmiuçar a lógica por trás dos comportamentos e noções das pessoas que optam por cagar³ no mato, mesmo tendo um local próprio para isso, no interior ou nas adjacências do domicílio, foram realizadas entrevistas etnográficas e utilizada a observação participante, despertando-se, assim, um olhar antropológico que nunca havia sido percebido por mim (BARBOUR, 2009).

No intuito de facilitar a coleta de dados, foram elaborados tópicos norteadores das entrevistas realizadas nas visitas aos domicílios, quais sejam:

- A estrutura existente do banheiro;
- O motivo da construção do banheiro;
- Pontos positivos e negativos da utilização do banheiro;
- Pontos positivos e negativos da utilização do mato;
- Como era a estrutura do banheiro na época de seus pais;
- Quais mudanças ocorreram no banheiro desde a época de seus pais, sendo essas mudanças positivas ou negativas.

As entrevistas foram realizadas após a aplicação do pré-teste em visitas aos domicílios em que pelo menos um membro da família declarou que defecava a céu aberto, mesmo tendo sanitário, sendo este membro maior de 18 anos.

Em campo foi adotado o caderno de campo ou diário de campo para as anotações das observações, notas teóricas, notas pessoais, diálogos das entrevistas e demais nuances observadas em campo, como bem citam Geertz (2008) e Anrosino (2009). Esses registros foram realizados à noite, e também entre os intervalos das entrevistas, variando de acordo com a disponibilidade e dinâmica de tempo.

"O que faz o etnógrafo?" — ele escreve. Isso também pode parecer uma descoberta um tanto surpreendente e talvez até implausível para quem está familiarizado com a "literatura" corrente. Entretanto, como a resposta padrão à nossa questão tem sido "ele observa, ele registra, ele analisa" — uma espécie de concepção de *veni, vidi, vinci* do assunto — ela pode ter consequências bem mais profundas do que na aparência [...] (GEERTZ, 2008, p. 14).

As entrevistas etnográficas representam mais do que a ação mecânica de perguntas e respostas, no modelo de entrevista jornalística. Trata-se de “um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes”, sendo

³ Será adotado nesta monografia o termo coloquial “cagar no mato”, cotidianamente utilizado pelas pessoas entrevistadas, sendo problematizada a utilização do termo no Cap. “A sujeira ofende a ordem?”.

importante em momentos em que determinados comportamentos e questões sociais não estão bem definidos (ANGROSINO, 2009, p. 61). Na observação participante é possível realizar a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (Spradley, 1980) e as “entrevistas são uma extensão lógica da observação” permitindo ao pesquisador “fazer uma imersão na constante flutuação e nas ambiguidades da vida tal como ela é vivida por gente de verdade, em circunstâncias reais” (ANGROSINO, 2009, p. 61; p. 118).

Apesar de minha área de formação não ser a Antropologia, a interdisciplinaridade de meu curso me permitiu enveredar por distintos campos dos saberes. Foi na pesquisa etnográfica, especificamente, que pude ver o outro em sua totalidade, sem “amarras”, sem pré-conceitos, ou, simplesmente, não ignorá-lo perante o todo – o mundo. Sendo mais que objetos de pesquisa, as pessoas entrevistadas são criaturas humanas e nesta monografia pretendo dar-lhes voz e apresentar suas percepções acerca do fenômeno de estudo. Como bem assinala Geertz (2008, p. 14), através da observação participante o antropólogo pode “engajar-se com seus informantes como pessoas ao invés de objetos”.

Cabe ressaltar que este trabalho se encaixa dentro de outros estudos que foram realizados nas comunidades supracitadas com enfoque nas dimensões técnica infraestrutural e operacional, econômico-financeira e da saúde. As análises realizadas na primeira etapa de campo originaram um artigo⁴ que teve por objetivo discutir e analisar em que medida as variáveis socioeconômicas e demográficas - renda do grupo familiar, escolaridade, idade, tamanho do domicílio e ocupação do chefe do domicílio - influenciam na existência e no uso do banheiro.

⁴ SILVA, J. A. A.; CRUZ, B. A. S.; PENA, J. L.; REZENDE, S.; HELLER, L. Vulnerabilidade e risco ambiental: uma análise da existência e uso do banheiro domiciliar em quatro comunidades rurais no Ceará. In: 28º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2015, Rio de Janeiro. v. 1. p. 1-11. (jessicaayra@hotmail.com)

3. CONTEXTO DAS COMUNIDADES ESTUDADAS

Como quem cuida de um filho, Dona Mundinha - apelido de Raimunda - me acolheu. Mulher forte e generosa, não é à toa que é membro da Associação dos agricultores e participante da linda marcha das margaridas⁵. Não há como mensurar tamanha hospitalidade e gentileza no decorrer dos cinco dias em que fiquei em sua casa, dormindo na rede, comendo junto. Assim foi, em todas as residências nas quais realizei entrevistas, diziam-me que “as pessoas no Nordeste são muito hospitaleiras” e, de fato, o são.

A expressão de felicidade era vista no rosto de Dona Mundinha toda vez que falávamos sobre a água encanada, sobre o SISAR, sobre como foi árduo o processo para sua localidade de Arataca conseguir o sistema de abastecimento de água. Foi uma ação articulada por meio da Associação dos moradores de Arataca, na qual ela é vice-presidente, em conjunto com as associações de Andreza e Itapeim, que possibilitaram esta transformação. Tal intervenção procurou prioritariamente abastecer por meio de rede de distribuição o maior número de domicílios das três comunidades que formam o Complexo de Itapeim.

Alegria maior é ver, agora, a construção da cisterna de captação de água da chuva⁶ na residência de Dona Mundinha que não mais precisará estocar água em anéis – estrutura de cimento – podendo armazenar água para todo o ano, a depender, claro, do volume de chuvas.

É notório o quanto a região Nordeste sofre com a escassez e falta d’água. Atualmente, o Ceará está enfrentando uma de suas piores estiagens, quatro anos de seca. Se esta estimativa perdurar até 2016, o Estado entrará no maior ciclo de seca desde 1910⁷. E é na área rural do Ceará, desprovida de visibilidade, poder econômico e político, que a população mais sofre – em Fortaleza, apesar da redução do nível d’água⁸ de seu principal açude, o Castanhão, não há nenhuma campanha de conscientização para

⁵A Marcha das Margaridas é uma ampla ação estratégica das mulheres do campo, da floresta e das águas, para conquistar visibilidade, reconhecimento social e político e cidadania plena (*SECRETARIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS*, 2014).

⁶A comunidade de Arataca recebeu as cisternas de captação de água da chuva através do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) nos meses de maio e junho de 2015.

⁷GIORAS, Xerez. CE pode entrar em 2016 no maior ciclo de seca desde 1910 diz Funceme – CE. do G1-O portal de notícias da Globo. 01 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/07/ce-pode-entrar-em-2016-no-maior-ciclo-de-seca-desde-1910-diz-funceme.html>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

⁸Estima-se que o Castanhão conseguirá abastecer Fortaleza e região metropolitana até 2015, e caso seque a capital, ainda, contará com a disponibilidade hídrica existente no açude Orós. A Coordenação Geral de Recursos Hídricos do Ceará (COGERH), também, tem como alternativa a transposição do Rio São Francisco (fim das obras previsto para 2015), a fim de reforçar o abastecimento da Região Metropolitana de Fortaleza (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2014).

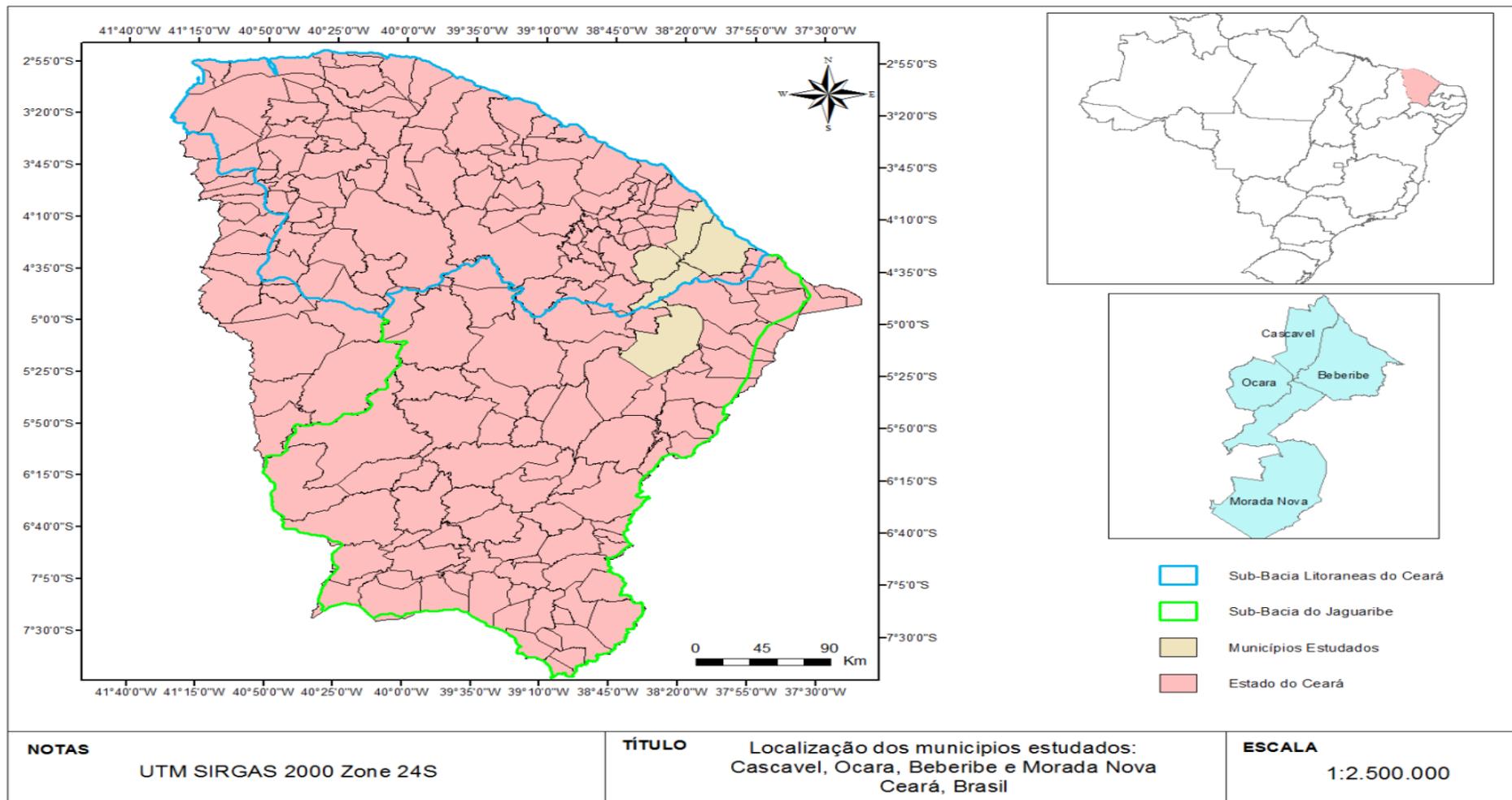
a redução e utilização consciente da água. Parece que a capital vive em uma situação hídrica inversa à realidade de seu Estado.

Apesar de algumas comunidades possuírem disponibilidade de água de diversas fontes, como a de chuva, de cisterna, do poço, do rio, do açude e da cacimba, estas, muitas vezes, não apresentavam condições adequadas de potabilidade, contendo elevada salinidade. A convivência com as estiagens, saber lidar com a situação de escassez, infelizmente, é algo rotineiro na vida de pessoas como Dona Mundinha. A emoção e a forte relação com a água foram observadas na fala de cada morador. O acesso à água encanada era, antes, muito difícil.

Assim, como nas localidades de Arataca, Andreza e Itapeim, o acesso à água de em quantidade e qualidade adequadas para o consumo era muito difícil na localidade de Cristais. Dentro da localidade havia vários pontos de água, chafariz, poço e cisterna abastecidos pela prefeitura. No entanto, a qualidade dessas águas era questionável, pois, segundo os moradores, se desconhecia a sua origem. Para conseguir água era preciso enfrentar filas e despender energia ao se carregar os potes de água. Normalmente, havia carregadores que cobravam caro para a realização destes serviços. Porém, nem todas as famílias conseguiam pagar por isso. O SISAR, além da implantação e da gestão do sistema de abastecimento de água, realizou a construção de banheiros domiciliares em Cristais, no entanto, a efetividade desta ação não foi objeto de estudo desta pesquisa.

Dentre as quatro comunidades pesquisadas, a de Cristais possui domicílios dispersos nos municípios de Cascavel, Ocara, Beberibe e Morada Nova. As comunidades de Arataca, Andreza e Itapeim, por sua vez, localizam-se no município de Beberibe-CE. As quatro localidades estão situadas na parte oriental do Ceará (Figura 2).

FIGURA 2 - Localização dos municípios estudados, Ceará, Brasil.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados provenientes do Censo Demográfico de 2010, do IBGE.

Diante da inquietude e por amor à sua terra natal, Soraia Colaço escreveu o livro “Beberibe, a História de um Povo: Diversidade e Identidade Cultural” (2013), em um resgate à história de sua cidade, seus antepassados e sua diversidade. Segundo a autora, antes de ser denominada Beberibe a região já teve o nome de Sítio Lucas e Uruanda - nome dado pelos indígenas que ocupavam o local. Há diversas proposições do significado do nome de Beberibe, como “Encontro dos Rios”, ou “Lugar onde cresce a cana”, “Voar em bando” dentre outros. Porém, o nome Beberibe foi incorporado de um bairro homônimo de Recife, em referência ao rio que cercava a região (COLAÇO, 2013).

No início do século XIX, por algum motivo desconhecido, Baltazar Ferreira do Vale, Residente no Riacho Fundo, e Pedro Queiroz Lima, residente no sítio Mirador, mudaram de residência instalando-se na região da atual Beberibe. As duas famílias relacionaram-se entre si e foram responsáveis pelo surgimento de um núcleo populacional que originou a cidade de Beberibe (COLAÇO, 2013).

A descoberta do livro anteriormente citado tem como origem a estadia dos pesquisadores (na segunda etapa de campo) em uma pousada denominada “Nosso Lar” (nome bastante sugestivo por ser residência da numerosa e tradicional Família Colaço, a qual transformaram em pousada). A senhora que nos preparava o café da manhã falava com orgulho de sua filha Soraia Colaço - que na época estava visitando o estado de Minas Gerais - e, diante da curiosidade de um dos pesquisadores, trouxe diversos livros sobre o município de Beberibe, dentre eles estava à obra supracitada.

O município de Cascavel possui seu registro em 1660, tendo como origem um pequeno núcleo populacional. Tal núcleo foi realizado através das missões realizadas pelo padre Antônio a quem foi incumbido à catequese e aldeamento de dezenas de missões de povos indígenas na região (IBGE, 2003).

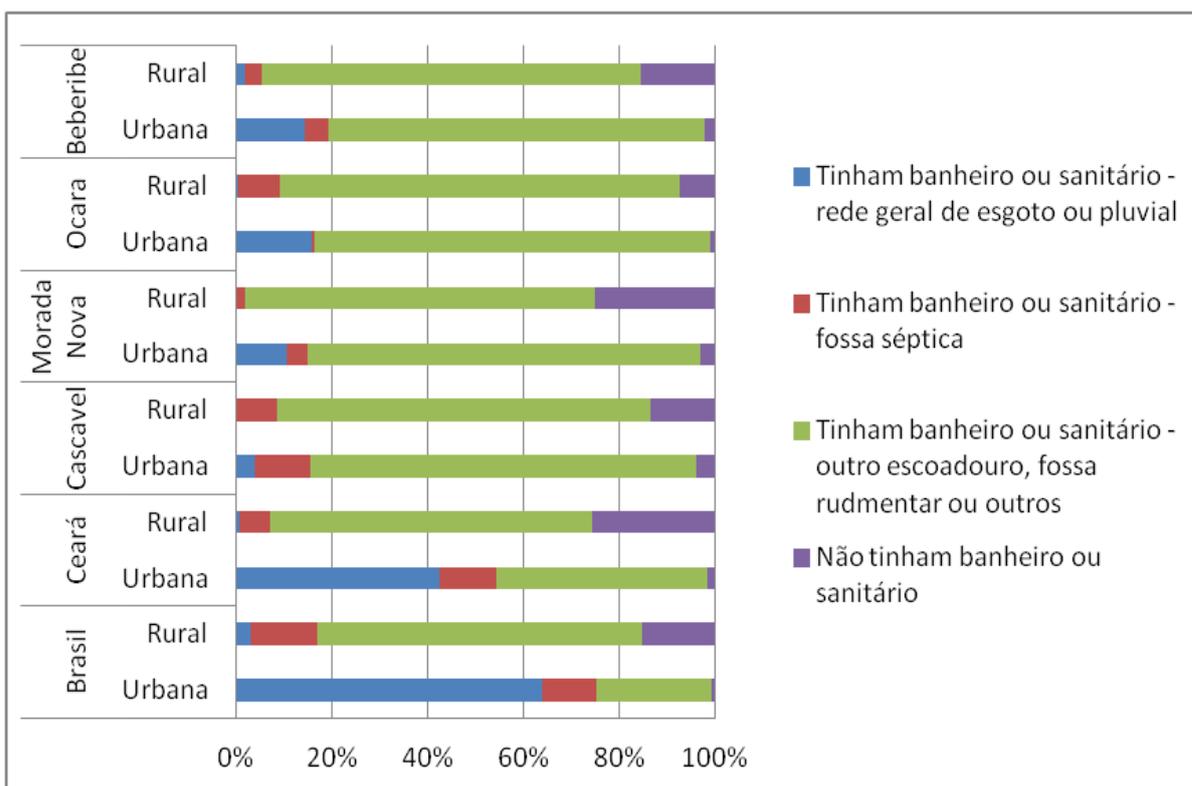
Localizada perto do rio Banabuiú, a Fazenda Morada Nova, pertencente aos irmãos alferes José de Fontes Pereira de Almeida e o capitão Dionísio de Matos Fontes, foi a responsável pelo núcleo onde se desenvolveu e progrediu o povoado de Morada Nova, no século XI. Este manteve o mesmo nome da fazenda que lhe deu origem (IBGE, 2003).

O significado da palavra Ocara vem do Tupi, referente a terreiro ou terraço de aldeia. O município também teve o nome de Jurema, denominação que caracteriza certa espécie arbórea de solos empobrecidos. Suas origens estão vinculadas à família de João Correia dos Santos, um fazendeiro e comerciante da região, no entanto não há certeza quanto ao tempo em que este comerciante se instalou na região (IBGE, 2003).

Quanto à questão sanitária, o panorama das localidades de Beberibe, Cascavel, Morada Nova e Ocara é ilustrado na Figura 3. Tanto na área rural quanto na área urbana destes municípios há existência de banheiro ou sanitário - ou outro escoadouro. O Censo demográfico de 2010 considera banheiro ou sanitário o local que tenha pelo menos um aparelho/vaso sanitário ou buraco destinado a receber dejetos humanos.

Todavia, todos os municípios apresentam na área rural significativo número de pessoas que não têm banheiro ou sanitário, realidade também reproduzida no cenário rural do Ceará e do Brasil. De fato, estes dados evidenciam o grande desafio que é representado pela alteração da realidade do esgotamento sanitário brasileiro, principalmente na perspectiva do habitante rural.

FIGURA 3 - Existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, por situação de domicílio, nos municípios de Beberibe, Cascavel, Morada Nova e Ocara, para o estado do Ceará e Brasil



Fonte: Censo Demográfico IBGE - 2010.

Segundo Albuquerque (2014), a inexistência de saneamento adequado pode oferecer risco ambiental não só às pessoas que não dispõem de instalações sanitárias, mas aos moradores de seu entorno, devido à inadequada disposição dos dejetos no solo ou córregos, podendo impactar negativamente a saúde dessas pessoas.

Torres (2006), em seu artigo sobre a vulnerabilidade socioambiental em São Paulo, relata a “existência de associação entre a exposição a risco ambiental e pobreza”, em virtude da suscetibilidade das populações pobres em residirem, normalmente, em locais de riscos, com alto grau de vulnerabilidade, em lugares desprovidos de serviços públicos e com condições precárias de saneamento (TORRES, 2006, p. 46). Desse modo, pode-se avaliar a vulnerabilidade de acordo com o risco ambiental que determinado local oferece às pessoas que nele residem.

4. TEM BANHEIRO NÃO, SÓ O NOME MESMO

– Bom dia, tudo bem? Meu nome é Jéssica, sou pesquisadora e estamos aplicando um questionário sobre a água encanada de vocês, a senhora poderia participar desta pesquisa? Qual o seu nome completo? Só um momento, enquanto faço as anotações. Agora, vou ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, irei pedir para tirar fotos dos pontos de água que vocês possuem em seu domicílio, do banheiro e quintal da casa, tudo bem? Então, onde fica o banheiro da casa?"

– *Tem banheiro não, só o nome mesmo*⁹, respondeu Glória.

Glória¹⁰ possui um cômodo com vaso sanitário, pia, chuveiro e, próximo à porta, na parede, um tambor com água. A descarga do vaso sanitário está estragada, apontando que, por este motivo, todos na casa cagam no mato – ela, o marido, o neto e o filho. Por que, na percepção de Glória, ela não possui banheiro? Quais são as configurações de um ambiente para torná-lo um “banheiro”?

De acordo com o dicionário Aurélio¹¹, banheiro é um aposento com vaso sanitário, e, em geral, também possui pia e chuveiro. Para o IBGE, banheiro ou sanitário é o local que tenha, pelo menos, aparelho/vaso sanitário ou buraco destinado a receber dejetos humanos (IBGE, 2000). No entanto, a compreensão do que é banheiro varia de acordo com o que as pessoas percebem que configura esta infraestrutura e como elas a utilizam.

Para Tom, além do *aparelho*, para considerar um local como banheiro, é preciso *ter o chuveiro, ter piso (no caso o meu não tem), e aquele aparelhinho que deixa o chuveiro... (aqui não necessita tanto, por que o clima não permiti) água fria e água quente. A caixa d’água em cima, tem aquela, o lugar onde você escova a...piazinha.*

Desde os mínimos detalhes do nosso cotidiano, o fazemos sem perceber o significado destas ações, todos os dias utilizamos a escova com o creme dental para escovar os dentes, tomamos banho no chuveiro, utilizamos o sanitário para satisfazer as necessidades fisiológicas, ou seja, todo o nosso ritual de higiene e cuidado com o corpo é realizado no banheiro.

⁹ Neste trabalho é adotada a estrutura textual itálica nas falas dos interlocutores ao longo do texto.

¹⁰ Os interlocutores são pessoas que optam em cagar no mato, mesmo tendo banheiro ou algum membro da família que se encontrava no dia da entrevista, sendo cônjuge ou filho que participaram da conversa, sendo também exposto aqui suas percepções. Devido ao tabu ligado ao tema pesquisado, foram alterados os nomes dos entrevistados por questões éticas, a fim de preservar os interlocutores.

¹¹ Bras. = brasileiro

Por que utilizamos este cômodo, em específico? Por que não lavamos e penteamos os cabelos na cozinha ou trocamos de roupa na sala? Cada ambiente da nossa casa tem uma significação e exige determinado tipo de comportamento a ser desempenhado. Ao longo da história da sociedade foram sendo criadas as regras e as ações adequadas a serem realizadas em cada compartimento da casa e, desde então, as reproduzimos (ELIAS, 1994).

O livro *Em casa: uma breve história da vida doméstica*, de Bill Bryson (2010) retrata como aconteceram estes processos de significação dos ambientes que, hoje, constituem nossa casa. O autor descreve também a origem e significado de cada objeto em determinado cômodo e sua ordenação, até chegar à constituição do modelo de casa que temos atualmente. Portanto, há uma explicação e um contexto social por trás de cada objeto existente em cada cômodo.

A configuração do banheiro como a conhecemos está intrinsecamente relacionada à noção de higiene, privacidade e cuidados com o corpo, e como estas ações influenciaram as mudanças de comportamento que ocorreram ao longo do tempo (DELABRIDA, 2010; ELIAS, 1994).

De início ninguém decorava um banheiro, assim como hoje não pensamos em decorar um porão ou a casa das máquinas, eram friamente utilitários. Nas casas já existentes, o banheiro tinha de ser colocado onde fosse possível. Normalmente tomavam o lugar de um quarto de dormir, mas às vezes eram enfiados em algum canto ou alcova (BRYSON, 2010, p. 397).

A composição do banheiro também varia de acordo com as questões culturais e socioeconômicas das pessoas. É muito comum, principalmente em localidades rurais, ainda serem encontrados banheiros de palha – estrutura composta pela palha de alguma árvore, utilizada apenas para o banho – ou apenas constituídos de um buraco. É o caso das comunidades do Complexo de Itapeim e de Cristais, onde, em geral, as pessoas entrevistadas possuíam em seus banheiros apenas a estrutura do vaso sanitário – raramente com descarga – com a presença de tambores ou baldes para jogar a água. A falta de condições financeiras para a construção e aparelhamento do banheiro, a dificuldade de construção de fossa e manutenção, agravada pelas condições do solo na região¹² e a falta de instalação intradomiciliar de água, principalmente, no banheiro, impedem o melhoramento das condições do banheiro, como a inclusão de pia, chuveiro e descarga no vaso sanitário.

¹² Em Arataca o solo é pedregoso e de argila, dificultando a infiltração.

A dificuldade de construção e manutenção da fossa¹³ é agravada pela característica do solo, tendo problemas com a infiltração ao ficar jogando balde com água, como bem expressa Camilo, *tendo de esgotar a fossa rapidamente, dando mau cheiro*. Fabiana também destaca que *a questão da fossa que complica* a utilização do banheiro; por não ter condições de construir uma fossa adequada tem de optar por ir ao mato.

Na época em que Dona Carmelita quis construir o banheiro, há quatro anos, seu marido não era aposentado, comprou o material a prazo e com dificuldade. Carmelita possui banheiro com privada, coloca um balde cheio de água, para tomar banho e jogar no aparelho (com o caneco), por não ter encanamento. Segundo ela, construiu o banheiro para receber sua filha que mora em Fortaleza, ela gostaria, também, de fazer um banheiro de tijolo (sua casa é de taipa) para colocar o chuveiro, pois sua filha estava para visitá-la e tinha medo de tomar banho no cômodo de palha. Assim, a construção e melhoria do banheiro não foram para beneficiar Carmelita, nem seu marido, e sim a sua filha que mora em outro lugar.

Neide, outra entrevistada, não usa o banheiro, indo, portanto, *pra acolá* para satisfazer suas necessidades fisiológicas. Da mesma forma, Alice disse que sua vontade *é de encanar [água] no banheiro, porque às vezes chega uma pessoa de fora, pra usar a privada*. Ou seja, a melhoria mais uma vez é para “os de fora”, para quem usa, pois *quando chegava uma pessoa de fora, Carmelita, tinha vergonha de mandar ir pros mato, porque fora é tudo no banheiro aperta um botão e lá se vai...*

Ao comparar os dois modos utilizados para satisfazer as necessidades fisiológicas entre o que eu faço – ir ao mato – e o que os outros de fora fazem – ir ao banheiro – cria-se uma dualidade entre o “meu hábito” e o “hábito do outro”. Tal apontamento mostra a percepção de inferioridade que as interlocutoras têm de seus hábitos perante os outros, ao se envergonharem em apresentar a sua maneira de aliviarem-se (no mato) para “os de fora”.

O conflito expressado no par vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. E um conflito dentro de sua própria personalidade. Ele mesmo se reconhece como inferior. Teme perder o amor e respeito dos demais, a quem atribui ou atribuiu valor (ELIAS, 1994, p. 242).

¹³ Tal problema com a fossa foi apenas descrito pelos entrevistados na localidade de Arataca, não sendo mencionado nas demais localidades estudadas, Itapeim, Andreza e Cristais.

A utilização do vaso sanitário com a descarga diferencia-se da sua utilização com o balde com água. Glória, como abordado no início deste tópico, destaca que a utilização do mato para cagar é consequência do *problema da sua descarga*. Em consonância com a fala de Glória, Antônio relata que *o banheiro que tem a descarga é uma coisa, e você ter de ficar jogando água já é outra coisa bem diferente*. No entanto, solicitei ao Antônio para considerar um banheiro com descarga, questionando sobre qual opção ele acharia mais confortável, a de ir ao banheiro ou a de ir ao mato para cagar. Ele respondeu que no banheiro é melhor, mas que usaria o mato, pois *a vida no sítio é esse o sistema, pra gente que é nativo, daqui do sítio*. Deste modo, não importa se Antônio tem a infraestrutura adequada ou não, ele utiliza o mato por ser hábito comum há gerações em sua localidade, assinalando, assim, que a existência da infraestrutura não garante o seu uso.

Desta forma, as pesquisas sobre a situação do esgotamento sanitário devem objetivar investigar não só a existência, mas o uso do banheiro, conforme Clasen *et al.* (2014) observaram em sua investigação da eficácia de uma intervenção sanitária domiciliar na Índia, mesmo possuindo latrina, o chefe do domicílio nem sempre a utilizava.

A não apropriação do banheiro não é uma peculiaridade dos países emergentes e subdesenvolvidos. Rodrigues (2006) relata que na Itália as populações rurais receberam casas modernas contendo banheiros e sanitários, porém os habitantes por estarem habituados a usar o mato para as necessidades fisiológicas utilizavam o vaso sanitário para a limpeza de azeitonas.

Concernente às abordagens que eram utilizadas nas ações de saneamento nas localidades rurais de países africanos e asiáticos, Galvin (2015) afirmou que houve o reconhecimento de que a construção de um banheiro não garante seu uso. “O banheiro pode ser sólido tecnicamente, mas a mudança social não se dá naturalmente¹⁴”. (GALVIN, 2015, p. 12) Neste sentido, atualmente, emerge uma nova abordagem de saneamento liderado pela comunidade, denominado Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS)¹⁵, objetivando uma mudança de comportamento coletivo para erradicar a defecação ao ar livre. Contudo, esta abordagem tem sido considerada ao mesmo tempo revolucionária – por tornar algumas localidades livres da defecação a céu aberto e melhorando os índices de saúde - e radical - por submeter às pessoas a ações de

¹⁴ Tradução livre da autora.

¹⁵ Em inglês, Community-Led Total Sanitation (CLTS).

constrangimento e vergonha (GALVIN, 2015). Uma das ações promovidas pelo CLTS é “a “caminhada da vergonha”, uma caminhada transversal às áreas onde as pessoas defecam a céu aberto. Em vez de uma rápida olhada, o facilitador faz uma pausa para ter uma discussão lá, o que obriga as pessoas a ver e cheirar sua merda” (GALVIN, 2015, p. 11).

Assim sendo, a promoção de ações que propiciem não só o acesso, mas a inclusão e respeito às comunidades na tomada de decisão, são fundamentais para o progresso, eficácia e efetividade das medidas sanitárias. Como bem aborda Heller (2015), os cenários futuros do planejamento estratégico abastecimento de água para consumo humano devem ser adaptados para serem projetados em consonância com a participação e aprendizagem social.

No Brasil está em debate a necessidade de se desenvolverem as políticas públicas de saneamento de modo transversal e intersetorial. Neste âmbito, discute-se a relevância da mudança de paradigma, para que as políticas de saneamento sejam pautadas em medidas estruturais e integrem medidas estruturantes¹⁶, de modo a assegurar a sustentabilidade das ações de planejamento em saneamento (BRITTO *et al.*, 2012).

4.1. Sob a égide da higiene

Os hábitos de higiene na Idade Média eram o inverso dos nossos atuais hábitos, as pessoas não tomavam banho, pois se acreditava que o banho dilatava os poros da epiderme, deixando-a exposta a “vapores mortais”, realizando assim, todo o possível para não limparem-se, tampando os poros com a sujeira (BRYSON, 2010). Tais “vapores mortais” podem ser relacionados a *Teoria Miasmática*, no final do século XVIII, na qual acreditava-se que os miasmas eram emanações nocivas das sujeiras das cidades insalubres, da decomposição de cadáveres humanos e de animais, e exerciam perigos ao corpo humano (MASTROMAURO, 2011).

A partir do século XIX, quando a higiene ganha o *status* social é que ocorre o surgimento do banheiro concomitante com a preocupação com as questões sanitárias, como o descarte dos dejetos e o cuidado com a fonte de água (BRYSON, 2010;

¹⁶A definição de medidas estruturais e estruturantes são pautadas pelo Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab), elaborado em consonância com a Lei 11.445/2007. As medidas estruturantes são “aquelas que fornecem suporte político e gerencial à sustentabilidade da prestação de serviços” e medidas estruturais as tradicionais intervenções de infraestrutura física (BRITTO *et al.*, 2012, p.75).

DELABRIDA, 2010). “Essas razões higiênicas passam, então, a desempenhar um papel importante nas ideias dos adultos sobre o que é civilizado” (ELIAS, 1994, p. 140).

A percepção de higiene com o corpo é destacada por Dona Margarida¹⁷, *banheiro é higiene, o banheiro é necessário em tudo, pras necessidades... pra higiene pessoal*. Em sua fala pode-se verificar o valor e grau de importância que ela atribui ao banheiro, ao relatar que *banheiro é necessário em tudo*, principalmente em relação aos seus hábitos de higiene.

Nunca se preocupou tanto com a higiene e assepsia do corpo como hoje em dia, quando se tem produtos para deixar os cabelos não só limpos, mas brilhantes e hidratados, sabonetes de todos os tipos (líquidos, sólidos, íntimo), óleos e cremes de limpeza de pele, anti-transpirantes, lenços umedecidos, absorventes femininos, entre outros (RODRIGUES, 2006). Além disso, há os intermináveis produtos para limpeza da casa, sendo um específico para cada cômodo e para cada processo de limpeza, para a pia da cozinha, remoção de gorduras, limpeza de vidros, limpeza do vaso sanitário, azulejos, janelas de madeira, dentre outros produtos criados para satisfazer nossa ânsia pela limpeza e aversão à sujeira.

Em um encarte de propaganda de uma loja de perfumaria e beleza¹⁸ deparei-me com uma página em que uma blogueira foi convidada para elaborar uma lista com os produtos os quais ela considerava essenciais para uso neste verão. A blogueira não só fez a lista, mas comentou cada produto, como quem recomenda um primo à vaga de emprego. Dentre os vários produtos indicados, de maquiagem à hidratação de cabelo, os comentários realizados a dois produtos chamaram minha atenção. O primeiro era um pacote com lenços de limpeza, segundo a blogueira, práticos para “retirar a make e as impurezas da pele”. O outro produto era um sabonete facial cujo título do comentário era “Xô, impurezas”. De acordo com a blogueira, este seria ótimo para “retirar as sujeirinhas da pele”. Percebe-se a necessidade de expulsar a sujeira de nossos rostos, cabelos, de todo nosso corpo, expulsar a impureza, tudo aquilo que pode ofender a ordem da limpeza.

¹⁷Margarida possui banheiro e o utiliza. Apesar de não se encaixar no perfil das pessoas que possuem banheiro e optam por defecar no mato, ela foi entrevistada para validar as questões e os termos que foram empregados – “cagar”, “defecar”, “cocô” ou “necessidades”. Em sua residência, seu pai, hoje acamado por questões de doença, utilizava o mato para cagar, mesmo com as repreensões da filha. Além desta entrevista foi realizado o pré-teste com Tom, que não possui banheiro e reside na localidade de Arataca. Estas foram as únicas conversas cujo áudio foi registrado em um gravador, o que será melhor descrito no capítulo *Vivência e Pesquisa em Campo*.

¹⁸ FREITAS, A. **Listinha de Verão**. LOJAS REDE PERFUMARIA E BELEZA. Revista impressa. Out/2015. p. 4.

Rodrigues (2006, p. 106) cita que a cientificidade é um instrumento utilizado para respaldar as práticas de higiene, por meio da adoção de argumentos de proteção e prevenção de doenças e bactérias, mesmo que tais argumentos não sejam de cientistas. Ademais, é importante ter em mente que as práticas higiênicas são simbólicas. Por exemplo, atos que anteriormente não eram considerados anti-higiênicos - assoar o nariz em público, cuspir em escarradeiras - passaram a ser. Afora o fato que cada cultura pratica de um modo diferente suas ações higiênicas, de acordo com o sistema de significação ao qual estão inseridas.

5. CIVILIZADO PRA QUEM?

Por volta das 16 horas caminhava eu na estrada de terra rumo à casa de Neide. O dia estava quente, por conta disto reforcei o protetor nos braços e abri a sombrinha, para proteger-me do sol forte. De longe a avistei na área da frente da casa, sentada na cadeira de balanço, junto com seu vizinho, na cadeira de plástico. O neto dela também estava, mas logo que cheguei, ele entrou. Ao me aproximar, apresentei-me e perguntei-lhe se se lembrava de mim, ao que ela assentiu, perguntando-me se eu ainda andava por aquelas bandas, afinal de contas, já havia alguns dias desde o nosso primeiro encontro, quando da aplicação do questionário. Respondi que estava passando para uma conversa, que não seria nova aplicação de questionário. Então, ela apontou para a cadeira de balanço em frente à casa, debaixo da árvore, sinalizando para que nela me assentasse.

Comecei a conversa com um assunto sobre a qualidade e a frequência da água utilizada para consumo, seguimos falando sobre a pesquisa, revelei-lhe meu Estado de residência e, ao ser indagada por ela, disse que sentia saudades dos meus pais, de casa... A conversa evoluiu, enfim, para a questão da água em Cristais. Perguntei como era antigamente, quando não havia água encanada, como se fazia com o banheiro. Ela respondeu que pegava água do carro pipa, que acumulava em um tambor no banheiro e se banhava de cuia. No vaso sanitário, jogava água com o balde, mas havia dificuldade, pois *não descia bem como na descarga*.

O banheiro foi construído segundo um projeto da prefeitura, em 1995¹⁹, tendo sido construído apenas o aparelho sanitário. Agora, ela, com a água encanada, acrescentou descarga e chuveiro no banheiro dentro de casa. Disse ainda que melhorou muito. Perguntei-lhe se utilizava o vaso ou se preferia o mato, no que fui informada que ela fazia uso do aparelho sanitário mesmo. Mudamos de assunto.

Diante da informação relatada no dia da aplicação do questionário, de que algum membro da família cagava no mato, perguntei se o seu marido havia se acostumado a usar o banheiro. Ela disse que ele ainda utilizava o mato, uma vez que não gostava do banheiro. Ao perguntar por qual motivo, Neide relatou que ele gostava do mato e me contou uma história:

Uma vez uma mulher (já mais velha) nascida e criada no interior, mas que morava em Fortaleza há alguns anos, veio passar uns dias em minha casa

¹⁹ Na localidade de Cristais, os domicílios foram beneficiados com um projeto da prefeitura que, em 1995, construiu um cômodo dentro da residência, apenas com a instalação do aparelho sanitário, sem descarga ou outra infraestrutura.

junto com sua neta. Quando a senhora chegou e viu toda a vegetação em volta, disse: - Oh, mato bom pra cagar!

A sua neta ficou horrorizada e disse a sua avó: - Credo, fazer cocô no mato?!

- Sim! - A senhora respondeu.

Ao final da história, Neide disse que a neta da senhora não estava acostumada. Sempre morou em Fortaleza, nunca viu alguém cagar no mato, se acostumou àquilo. Nasceu e se criou em Fortaleza, não sabia o que era usar o mato, concluiu. Esta pequena narrativa descreve muito bem o perfil das pessoas que optam por cagar no mato. A dificuldade em expressar na fala seus padrões de comportamento era superada através das histórias, comparações e metáforas. Esta foi uma dentre outras estratégias comunicativas utilizadas pelos interlocutores para elucidar e explicar seus padrões de comportamento.

Afinal, no Brasil existem pessoas que cagam no mato? Sim, no entanto os únicos dados encontrados foram os do Programa Conjunto de Monitoramento (JMP), os quais revelam que, no Brasil, entre 1990 e 2012²⁰, a população que defecava ao ar livre diminuiu de 17%, aproximadamente 25 milhões pessoas, para 3%, cerca de 6 milhões pessoas (JMP, 2014, p. 46).

Infelizmente as pesquisas domiciliares brasileiras, tanto os Censos Demográficos do IBGE, quanto a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), não retratam adequadamente as dimensões das condições sanitárias domiciliares, ao abordarem apenas a realidade daqueles que têm ou não têm banheiro ou sanitário, não sendo informada, por exemplo, a população que defeca a céu aberto.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, 15,1% dos domicílios brasileiros não dispõem de banheiro ou sanitário, totalizando, contudo, mais de um milhão de domicílios sem acesso a nenhuma infraestrutura sanitária (IBGE, 2010). No entanto, este dado pode estar subestimado, pois não retrata a realidade daqueles que mesmo possuindo banheiro optam por defecar a céu aberto, como é o caso dos domicílios das localidades estudadas e retratados neste trabalho.

De acordo com Laraia (2009, p. 48), “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado”, incorporando todos os comportamentos, experiências e conhecimentos das outras gerações em um processo “acumulativo”. Deste modo, as

²⁰ O JMP utilizou regressão linear simples para estimar a proporção da população que usa instalações sanitárias: instalações de saneamento do tipo melhoradas - sistemas que garantem condições de higiene, que impedem o contato das pessoas com excrementos humanos – ou defecação a céu aberto. O resto da população usa instalações de saneamento precárias (JMP, 2014, p. 44).

pessoas das localidades estudadas reproduzem as ações de comportamento que foram imbuídas pelos seus pais e antepassados.

Assim sendo, a defecação a céu aberto ou o cagar no mato é prática do cotidiano destas pessoas, *porque criou-se desde pequeno naquele ritmo ali, não liga muito pro aparelho, se criou acostumado a ir pro mato* (Tom), ou seja, *a gente se acostuma, vira uma rotina e pronto* (Wesley).

As ações, padrões de comportamento que possuímos, são padronizadas pelo sistema cultural envolvente. Desde crianças assimilamos os gestos, ações e condutas realizadas no entorno, incorporando-os. Nossos pais exercem o papel de “agentes primários de condicionamento”²¹, responsáveis pela função de modeladores das nossas ações, repreendendo e “educando” de acordo com os padrões aceitos e exigidos pela sociedade. Por exemplo, ações de repreensão para controlar nossos impulsos corporais na frente de outras pessoas. Por vezes, ao adotar ações de humilhação e de expor ao ridículo a criança ao ser pega urinando na cama ou cagando nas calças, ainda que com pouca idade (RODRIGUES, 2006). Segundo Rodrigues (2006, p. 100), a criança é obrigada “a abrir mão de sua autonomia fisiológica e aceitar o controle cultural”, resultando no que denominou de espécie de “treinamento educativo”.

5.1. O “ser diferente”

As pessoas que praticam a defecação a céu aberto estão reproduzindo o comportamento ao qual foram condicionados, tornando-se, assim, um hábito. No entanto, esta ação da defecação ao ar livre destoa da ação praticada pela maior parte da sociedade ocidental, configurando-se comportamento anômalo, quando comparado ao padrão seguido e exigido para a realização das necessidades fisiológicas pela sociedade moderna, a utilização do banheiro.

Segundo Douglas (1991, p. 52), “uma anomalia é um elemento que não se ajusta a um dado conjunto ou série”, sendo passível de ser produzida por qualquer sistema cultural dado de classificações, deparando-se com acontecimentos que parecem desafiar as suas ideias preconcebidas (DOUGLAS, 1991). Desta forma, todos os comportamentos que infringem o padrão estabelecido por determinada cultura são estranhados e tidos como anormais por se contraporem ao que foi assimilado e

²¹ ELIAS, 1994, p. 145.

internalizado pelas pessoas, representando algo ameaçador (DOUGLAS, 1991; RODRIGUES, 2006).

Em minha primeira entrevista etnográfica conversei com um casal, Branco e sua esposa Luiza. No domicílio, quem opta pelo uso do mato para satisfazer suas necessidades é o senhor Branco, um homem de 58 anos que, ao ser questionado sobre o motivo de não usar o banheiro - depois de ter me revelado a preferência pelo mato -, responde que a mulher diz *que ele é muito diferente*. Branco não foi o primeiro a relatar ser tratado como “*diferente*”, “*estranho*”, ao informar a preferência pelo cagar no mato. Branco, para sua esposa, está realizando uma violação ao optar pelo mato, tal transgressão o transforma em uma pessoa “*diferente*”, “*anormal*”, por não comungar dos mesmos hábitos que a maioria da população. “O indivíduo avalia suas próprias condutas, bem como as de seus companheiros, em termos de aprovação ou desaprovação (sanções positivas ou negativas) sociais” (RODRIGUES, 2006, p. 39).

No século XVI, era comum encontrar pessoas “*urinando e defecando*” na rua; as necessidades fisiológicas eram realizadas e satisfeitas quando sentidas (ELIAS, p. 141 V1, 1994). Bryson (2010) confirma este hábito ao descrever que os ingleses por anos foram reconhecidos por sua “*despreocupação com a privacidade nos lavatórios*”, e relata que o aventureiro italiano Giacomino Casanova via com frequência alguém aliviar-se nas ruas de Londres ou encostadas em alguma casa. Nesta mesma época, também era comum o uso de penico, no entanto, o mesmo era guardado em locais incomuns, como armários do quarto, ou da sala de jantar (BRYSON, 2010).

No início, as privadas não eram em local reservado, ao contrário, os romanos possuíam latrinas próximas umas das outras, as utilizando juntos, sem constrangimento ou vergonha (BRYSON, 2010). Somente agora, criamos aversão às ações que antes eram realizadas com normalidade, como a defecação. A sociedade foi saindo do âmbito coletivo e caminhando para o âmbito privado, individual.

Tais ações, apresentadas como naturais na Idade Média, atualmente tornaram-se embaraçosas, sendo imbuídas de pudor e vergonha, “num processo de suprimir essas funções da vida social” (ELIAS, 1994, p. 141). Estas mudanças de comportamento caracterizam um padrão denominado, por Elias (1994), de Processo Civilizador.

De acordo com Sapir (1948 *Apud* RODRIGUES, 2006, p. 19) a civilização é uma construção numa estrutura piramidal entre o indivíduo e a sociedade, “num jogo interminável de gestos simbólicos”. Segundo Freud (1927-1931, p. 58), a palavra civilização é relacionada ao conjunto de “*realizações e regulamentos*” que nos diferenciam de nossos antepassados, tendo por objetivos “*proteger os homens contra a*

natureza” e “ajustar os seus relacionamentos mútuos”. A natureza se apresenta como um local de perigo, de animais selvagens, cercada de misticismo, exemplificado, nos contos clássicos como Chapeuzinho Vermelho e João e Maria. Em ambos os contos a floresta é vista como local de pessoas de má índole e malvadas, como o lobo mau e a bruxa da casa de doces. Ademais, era preciso manter distância do selvagem, do “incivilizado”, através de ações de controle e modificação da natureza para a sobrevivência e conforto do homem civilizado.

Um dos principais fatores que torna o homem civilizado e o distingue dos incivilizados se refere ao seu aparato tecnológico, científico e cultural. Para Elias (1994, p. 23), o conceito de civilização “expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo”, no qual o homem Ocidental se apresenta como superior e especial às demais culturas consideradas “primitivas” e “selvagens”, argumento este utilizado e difundido como justificativa para a colonização de outras culturas. Sendo assim, o homem Ocidental, em uma visão etnocêntrica, interpreta como civilização a **sua** cultura, a **sua** tecnologia, a **sua** ciência e **suas** maneiras (ELIAS, 1994).

O processo civilizador, descrito por Elias (1994), é o processo pelo qual o homem Ocidental passou, destacadamente o povo europeu, ao final do período medieval. Este ideal de civilização foi introduzido pelos europeus em suas colônias, sendo posteriormente reproduzido e buscado pelos países após a independência. Afinal de contas, nós não queríamos andar nus como nossos “primitivos” antepassados ou morar em meio à floresta como “selvagens”.

Em concordância com este contexto, Tom, que não possui banheiro devido às condições financeiras - *construiu só, tem um cano e só, a gente só faz tomar banho nele, não tem porta, tem uma cortina* -, relata que *não tem o banheiro à altura que é pra ter, ainda a gente está se preparando pra ter. Como eu quero dizer assim... uma pessoa civilizada, né?*. A utilização do termo civilizado para expressar a inadequada infraestrutura que possui como banheiro, o torna incivilizado por não comungar das mesmas características e ações das pessoas tidas como civilizadas, como *ter uma casa digna [...] ter um banheiro bom dentro de casa (TOM)*.

Em seu livro, Nobert Elias (1994) retrata os padrões de etiqueta que eram utilizados na Idade Média, estabelecendo as ações de conduta adequadas perante a sociedade, na época. O autor descreve exemplos de comportamentos retirados de manuais de etiqueta, dentre os exemplos, um diálogo encontrado em um manual de instrução para crianças merece atenção. No manual, o professor solicita a um aluno para descrever “em sequência exata”, as ações que o garoto faz entre o acordar e o desjejum,

“Acordei, saí da cama, vesti a camisa, calcei as meias e os sapatos... fechei o cinto, urinei na parede do pátio, tirei água do balde e lavei as mãos e o rosto, secando-os com um pano, etc.” (ELIAS, 1994, p. 142).

O ato realizado no pátio é naturalizado ao ponto de ser descrito pelo garoto sem transparecer embaraço ou vergonha em relatar a ação (ELIAS, 1994). Atualmente, se um professor fizesse o mesmo pedido a um garoto, o aluno o faria sem incorporar todos os detalhes de seu processo de despertar até o desjejum; certamente não informaria que teria ido ao banheiro satisfazer suas necessidades fisiológicas. Ainda que o fizesse, “esconderia seu embaraço com um sorriso, e um sorriso de “compreensão” dos colegas”, como expressão de infração de um tabu (ELIAS, 1994, p. 142). De fato, o sorriso ou risada envergonhada foi observado na fala dos interlocutores ou de seus companheiros ao informarem que utilizavam o mato, em uma tentativa de desconstruir a situação e o embaraço pelo tabu infringido. Por exemplo, ao questionar se o banheiro de sua casa melhorou ou piorou em relação ao de seus pais, Kátia disse que melhorou, *aqui eu tenho [banheiro], mas meu marido não usa nem a pau! Ele não usa*, disse isto rindo com veemência em frente ao marido.

Kátia ficou a todo o momento, no decorrer da conversa em sua residência, tentando me explicar porque seu marido (Ricardo) optava por utilizar o mato para cagar. Ela respondia por ele como quem quisesse respaldar ou justificar seu comportamento. No entanto, ela, assim como o seu marido, nasceu e foi criada naquela localidade, não possuía banheiro quando criança, posteriormente utilizando o banheiro de palha apenas para o banho. A pergunta que fica é: qual o limiar que diferencia suas práticas? Por que ela utiliza o banheiro e ele não?

As noções de comportamento são difíceis de serem compreendidas e interpretadas amiúde, pois muitos são os fatores que as influenciam e as regem. A criação pode ser a mesma, mas a escola, os amigos, e todas as relações sociais são diferentes, sendo introduzidas e, por consequência, moldando as pessoas, sem falar dos processos cognitivos e psicológicos implícitos, que exigiriam auxílio da psicanálise para a sua compreensão e cujo enfoque, apesar de interessante, não foi o objetivo desta pesquisa.

Assim, diferente de Ricardo, existe Dona Margarida, que arrepiava-se ao se lembrar de como era o banheiro quando criança e como lutou para que seu pai parasse de utilizar o mato. Ariana, por sua vez - que tem banheiro e o utiliza - ao ser perguntada se o fato de ter morado em Fortaleza modificou algo, deixou transparecer que se tivesse permanecido em sua localidade provavelmente iria ao mato também. Ela respondeu com

um *talvez*, uma vez que antes de ir à Fortaleza não sentia dificuldade e que *não achava estranho, pra mim era natural, era simples, era normal, era gostoso*, mas que agora nem agachar conseguia, porque já sentia câimbras.

Em contrapartida, existem aqueles que, mesmo morando em Fortaleza, não perderam a oportunidade de usufruir do mato para aliviar-se ao visitar um parente, como é o caso do filho e enteados da Dona Luzia. Segundo ela, seu filho *às vezes corre pro mato* quando vai visitá-la. O mesmo é praticado por seus enteados que, quando vêm de Fortaleza *vão logo pros mato, só de noite que não, mas de dia... vão lá pro cercado aqui* (mencionado a área de divisa entre seu quintal e a vegetação próxima ao rio).

5.2 Em busca da privacidade: experiências vividas no dia a dia da pesquisa de campo

Quando perguntei o que havia de bom em ir ao mato ao Antônio. Ele não conseguiu definir a palavra e ficou dando dicas do que queria dizer para que eu o pudesse ajudar a lembrar: *quando você tá num quarto assim... que você não quer que alguém entre de surpresa*. Então, nesse momento, eu disse: privacidade? Ele respondeu: *Isso, aqui pra gente no mato tem uma privacidade, mais tranquilidade*. Portanto, privacidade, para Antônio, é utilizar o mato para cagar, não o banheiro como habitualmente utilizamos.

Desafio o leitor a pensar sobre as seguintes questões: O que é privacidade para você? O que você entende por conforto em um banheiro? Consegue imaginar como privacidade o ato de cagar no mato? Eu não considerava o mato o lugar mais adequado para cagar, mas minha experiência em campo levou-me a ter outra percepção.

O hostel em que estávamos hospedados em Fortaleza, em preparação para o campo, possuía ambientes separados para o banheiro: um local com chuveiro, e outro com o vaso sanitário. O local com o vaso era muito pequeno e quente; para entrar você tinha de ficar de lado, para conseguir fechar a porta, também. Ao agachar minhas pernas batiam na porta, eu não cabia dentro dele, ficava completamente desconfortável.

Na comunidade pesquisada alugamos uma casa para a dinâmica de campo. Assim como no hostel, na casa alugada havia a distinção do banheiro, com um local para o banho, que ficava nos fundos da casa, na área de serviços – se tratava apenas de um local com um cano, que era ligado dentro da casa, ou seja, era necessário sempre pedir a alguém para ligar a torneira para água sair pelo cano, da mesma forma para desligá-lo. O outro ambiente, com apenas o vaso sanitário, sem descarga - colocávamos

baldes com água para jogar no vaso posteriormente ao uso -, ficava dentro da casa, de frente a um cômodo amplo, utilizado por nós como quarto, onde as redes ficavam estendidas. Ambos os ambientes não tinham porta, apenas uma cortina presa com pregos, assim, era difícil saber se tinha uma pessoa dentro ou não do cômodo. A casa não possuía laje, sendo assim, havia um com um vão entre a parede e o telhado, por meio do qual tudo o que se fazia dentro do cômodo com vaso sanitário ouvia-se no outro ambiente. A sensação de que a qualquer momento alguém poderia abrir a cortina ou escutar e imaginar algo sobre o que estava sendo feito no banheiro me apavorava. Neste momento, percebi que a privacidade era algo fundamental para me sentir confortável para conseguir utilizar o banheiro.

Outro fator que colaborou para a minha dificuldade na utilização do vaso sanitário foi o fato de possuir muitas rãs (por ser muito úmido), as quais ficavam escondidas nas saliências do vaso e nos baldes com água, e a qualquer movimento pulavam. Dona Francisca, assim como eu, não gostava de ir ao banheiro, *porque às vezes tem sapo*, e por ter medo de sapo, preferia o mato. Assim, aquela estrutura, naquele contexto, não era um banheiro utilizável para mim.

Em seu livro *Pureza e perigo*, abordando as noções de sujeira e limpeza, Mary Douglas (1991) relata o desconforto que tinha com relação a um banheiro instalado numa casa velha. Cabe destacar que no início de sua fala a autora comenta que é “um tanto quanto tolerante para com a desordem”, mas a configuração do banheiro ao final de um corredor entre duas escadas era tão diferente que a levou ao estranhamento e a compreensão de pessoas que tendem a “perseguir a sujeira” através da pintura, decoração, forrando de papel ou outras ações de “reordenamento do nosso ambiente” (DOUGLAS, 1991, p. 13).

Apesar de a defecação ser tema do meu trabalho, o ato de cagar também é um tabu para mim, refletindo-se na minha dificuldade em cagar no ambiente utilizado para isto, na casa alugada em que moramos. O interessante foi vivenciar esta experiência, só conseguindo aliviar-me ao recorrer ao quintal (quando fiquei sozinha), ou seja, comungando da mesma prática das pessoas estudadas. O que Antônio sentia em ir ao mato - a tal *privacidade* - foi o mesmo o que eu senti ao ir para o quintal.

6. A GENTE NÃO PODE SENTIR FALTA DAQUILO QUE NUNCA TEVE

Sol a pino, já estava quase na hora do almoço quando me despedi de Elis e segui em direção à casa de Antônio. Ele estava capinando o quintal na parte de trás da casa, o dia estava extremamente quente e, para se proteger, usava chapéu e blusa de manga comprida. O cumprimentei e pedi para conversarmos e, neste momento, ele parou, logo em seguida consentiu, e seguimos, então, rumo à área de sua casa, onde sentamos e começamos a conversar.

Antônio mora na casa que foi dos pais, em frente (como uma extensão da casa) está a casa de farinha, o banheiro segundo ele não é decente, tendo apenas o vaso sanitário, por não poder modificar a casa por pertencer aos seus pais e a todos os irmãos.

Ao perguntar como o banheiro era antigamente, disse que seus pais não se acostumaram a usar o vaso sanitário *de jeito nenhum, por ser aquele povo bem antigo*, que não teve a oportunidade de estudar. Curiosa em querer compreender o que levou seus pais a construírem o banheiro, já que não o utilizavam, indaguei qual o motivo da construção. Ele informou que foi pelo *desenvolvimento que vinha acontecendo*.

Que desenvolvimento seria este? Seria a recente chegada da água encanada na comunidade? A eletricidade e todo seu aparato eletro - doméstico/eletrônico? Seria a intensificação da inter-relação entre o rural e o urbano? O fato é que a infraestrutura do banheiro é algo novo no contexto social de Antônio e de sua comunidade, pois *o banheiro inventaram agora, depois dessa energia e dessa água. Aqui tudo era nos matos ... ainda é agora (KÁTIA)*.

Para Margarida,

as pessoas mais velhas viveram assim, sem banheiro, sem água, [...] Não tinha aquele hábito de ir ao banheiro, por isso que tem tantas casas, ainda, que os idosos não constroem o banheiro, eles não botam o aparelho sanitário.

O desconforto e o incômodo no uso do vaso sanitário são verificados na aversão e a dificuldade em fazer as necessidades fisiológicas sentado na privada. Assim, o vaso sanitário não é o principal local a ser utilizado para aliviar-se, sendo prioritário seu uso apenas em momentos de extrema necessidade, de *muita precisão*, como em casos de doenças, chuva ou sol forte, à noite e estadias prolongadas – a contragosto – em Fortaleza.

Para Raimundo, quem vai a banheiro sujo, é quem não pode segurar *quem tá nas últimas, vai naquele aparelho horrível, fica tudo molhado no rego*. Neste contexto o

banheiro vem a ser um ambiente que representa perigo ao ser o local de destino das excretas humanas, as quais se tem a concepção de nojo, aversão e doenças.

O banheiro público é apresentado, por Rodrigues (2006), como um lugar utilizado apenas em ocasiões em que as pessoas não conseguem se controlar ou planejar, ou seja, em casos de uma emergência. Tal ambiente é evitado por ser considerado um lugar sujo, propício a doenças por nos expor as excretas e aos fluídos de outros usuários. Assim como o banheiro público é um lugar evitado por nós, a utilização do banheiro para alguns interlocutores vem a ser “quase punitiva”, empregado em último recurso mesmo.

Margarida descreve, abaixo, como foi laborioso fazer com que seu pai utilizasse o banheiro, devido à rapidez com que as coisas foram mudando e como seu pai refutava tudo que era novo, ou seja, tudo que era diferente do qual estava habituado.

Aí eu dizia, “Papai, fiz esse banheiro para o senhor, pro senhor não tá por ali [cagar no mato], o pessoal lhe vendo”. Porque depois os matos vão desaparecendo, agora é que estamos no inverno, mas vai ficando seco, as pessoas veem. “Papai, o pessoal vai lhe ver”, era sempre para aquele lado que ele ia, eles não tinham cercado lá não. “Papai, tanto que eu lhe peço, não vá não”, ele falava: “Ah, não vou me sentar nesse negócio frio não!”. Então, pra ele aquilo ali, era uma coisa bem diferente, ele não aceitava e muitas pessoas mais velhas não aceitam. [...] A vida aqui era muito diferente, mudou assim tão rápido que é difícil até de entender. Só pra quem viveu.

Em meados do século XIX, muitas casas na Europa, apesar de possuírem banheiro, e em alguns casos, com encanamento, “mostravam uma relutância inesperada em adotar o banheiro em sua vida [...]” (BRYSON, 2010, p. 397). A adaptação ao que é novo varia de contexto para contexto, pessoa por pessoa, por exemplo,

você mora em Minas, aí você vem pra cá, aí quando você chega aqui você não vai se adaptar tão rápido quanto você pensa, né?! Você tem uma rotina, vamos supor, você tem o seu cotidiano lá em Minas, aí chega aqui, você vai se adaptar aqui, aí você vai demorar... do mesmo jeito é quem tem [banheiro]... Você sai de uma coisa para ir para outra (TOM).

O Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS) tem “como premissa a ideia de que um processo liderado pela comunidade levará a mudança de comportamento que seja sustentável em termos de manutenção e uso de latrinas”, ou

seja, o planejamento, a construção e a manutenção das latrinas ou de outra estrutura de esgotamento são realizados pela comunidade sem nenhum subsídio ou auxílio por parte dos facilitadores das ações do CLTS (GALVIN, 2015, p. 12). A grande questão é como fazer para que a mudança de comportamento após as ações de “choque” - como a “caminhada da vergonha” -, sejam duradouras e sustentáveis e não apenas a um curto prazo, além de não humilhar e constranger as pessoas perante a comunidade pelos seus hábitos de cagar no mato. Tem-se, também, o conflito que pode ocasionar entre a comunidade, caso algumas pessoas mudem de comportamento e outras não.

É questionável a capacidade que ações de grande impacto e choque têm sobre a mudança de comportamento das pessoas. Normalmente, nas campanhas de saúde são utilizados imagens e textos impactantes, com o intuito de alertar e informar dos riscos e ameaças à saúde (GALVIN, 2015). A efetividade destas ações de constrangimento e impacto é difícil de mensurar, um bom exemplo é a campanha de tabagismo brasileira que utiliza imagens chocantes de pessoas com problemas de saúde ocasionados pelo tabaco, na capa das embalagens de cigarros. Porém, nenhum fumante que eu conheço ou que tenha ouvido falar, deixou de fumar por conta desta campanha, ou ficaram horrorizadas com as imagens.

7. A SUJEIRA OFENDE A ORDEM?

P: O senhor utiliza seu banheiro para quê?

G: Você entrou no meu banheiro, eu lhe pergunto, pode ser sincera: - Sentiu algum mau cheiro? Algum cheiro desagradável?

P: Não.

G: É porque eu só faço xixi, eu cago no quintal...

O diálogo acima retrata a preocupação de Geraldão quanto ao cheiro de seu banheiro. Segundo ele, para deixar o banheiro limpo é preciso *muito asseio* e trabalho com produtos de limpeza, água sanitária, além da necessidade de utilização constante de água²² para limpá-lo adequadamente.

De acordo com Douglas (1991, p. 12), “a sujeira ofende a ordem” dessa maneira buscamos eliminar aquilo que traz a desordem ou que representa perigo para o ambiente, como as fezes. Percebe-se no discurso dos entrevistados uma recorrente tentativa de afastar-se daquilo que representa alguma impureza para o ambiente em que vivem. Portanto, é mais fácil ir ao mato e *deixar lá mesmo* [fezes] do que preocupar-se com assepsia do local da realização das necessidades.

Tais concepções são observadas, também, na arquitetura das casas, normalmente os banheiros são construídos de maneira que fiquem escondidos nas partes dos fundos ou separados da casa (do lado de fora), “na casinha”, hábitos manifestados, principalmente, na área rural (RODRIGUES, 2006, p. 102). O banheiro é considerado um local impuro, portanto, não pode ser localizado dentro de casa, por termos a necessidade de nos afastar dos excrementos, de menosprezar estas funções.

De acordo com Mary Douglas (1991), nossa concepção de sujeira está atrelada ao nosso conhecimento sobre organismos patogênicos e higiene. Desde a descoberta da transmissão bacteriana da doença, no século XIX, temos dificuldade de pensar sujeira que não seja no contexto da patogenicidade. A autora busca identificar, também, quais eram os meios de evitar a sujeira antes que o ato de cuspir numa escarradeira ou defecar e urinar na rua (como nos capítulos abordados acima) fosse considerado anti-higiênico.

Em levíticos 7:21 são prescritas as ações que caracterizam a impureza, sendo estabelecidas as proibições ao consumo de determinados animais, e as maneiras com que devem ser realizados os rituais de purificação. “Quem tocar alguma coisa impura,

²² O receio quanto à quantidade de água necessária para realizar o adequado asseio do banheiro é algo que esta atrelada ao recente acesso à água encanada na comunidade. Anteriormente, a água era regulada e destinada para usos prioritários, como beber, cozinhar, lavar roupa, tomar banho. O seu emprego para a limpeza do vaso sanitário é apresentado como inadequado, um desperdício daquilo [água] que sempre tiveram dificuldade em ter acesso.

imundície humana ou animal impuro, ou qualquer outro objeto abominável, e comer, em seguida, da carne do sacrifício pacífico pertencente ao Senhor, será cortado de seu povo". O rito de purificação deve ser feito através da oblação e do holocausto para a reparação da transgressão a serem dirigidas ao Senhor.

Para Rodrigues (2006, p. 31) “o tabu isola tudo que é sagrado, inquietante, proibido ou impuro; estabelece reserva, proibições, restrições; opõe-se ao ordinário, ao comum, ao acessível a todos”. Deste modo, as coisas puras são relacionadas a coisas boas e desejáveis, ao contrário da impureza que é rechaçada e rejeitada (RODRIGUES, 2006).

Em Deuteronômio 23:13-14 é possível verificar a tradição de utilização do mato para a defecação, “terás fora do arraial um lugar onde se possa evacuar. Como parte do seu equipamento, tenham algo com que cavar, e quando evacuarem, façam um buraco e cubram as fezes” percebe-se a preocupação com o descarte adequado, pois “O acampamento terá que ser santo, para que ele não veja no meio de vocês alguma coisa desagradável e se afaste de vocês”. Notamos, também, a relação com o sagrado ao falar que o “acampamento terá que ser santo”, e para que isto ocorra é preciso livrar-se daquilo que é impuro, que traz vergonha.

O estranhamento e o embaraço advindos das palavras denotam o quanto possuímos aversão em descrever e utilizar determinados termos, como linguajar chulo ou palavras torpes ou obscenas. Tal pudor com o linguajar é relacionado com a forte influência que a religião cristã, atua no comportamento e ações das pessoas, “não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (EFÉSIOS 4:29). Esta passagem bíblica apresenta a importância quanto ao cuidado com as palavras (mal)ditas, palavras imorais que não dignificam a pessoa.

Usualmente, não utilizamos o termo defecar, e sim “necessidades”, ou outros termos com duplo sentido como “fazer o número dois”, ou termos infantis como cocô. O termo coloquial **cagar** é utilizado apenas com pessoas com as quais possuímos intimidade ou em tom jocoso, como “está toda cagada”, “vai cagar no mato” dentre outros, devido ao caráter pejorativo atribuído às palavras associadas às funções fisiológicas (RODRIGUES, 2006). Somos incapazes de associar a ação de cagar a pessoas que consideramos de alto cargo, a quem estimamos, como se a pessoa não fosse igual a nós e não tivesse a necessidade de aliviar-se, dado a dificuldade em imaginá-la nestas situações.

Afinal, ninguém nunca viu uma celebridade de Hollywood em uma cena de filme a usar o vaso sanitário para aliviar-se, muito menos as novelas brasileiras mostram o banheiro. A mídia televisiva exerce forte influência sobre o comportamento das pessoas; se os personagens não são filmados nestas ações, se eles não falam em cagar, em urinar, também assim as pessoas não o fazem. Deste modo, há uma supressão deste ato por parte destas mídias. Percebe-se a diferença de tratamento quanto a outros tabus como o sexo, homossexualismo, sendo provocados e introduzidos (ainda que lentamente e sob pressão contrária religiosa) nos filmes e novelas como comportamentos normais, mas o cagar é algo que continua sendo depreciativo, vergonhoso e deve ser mantido no âmbito do privado, oculto.

O CLTS tem como princípio a adoção do uso da palavra **merda** ao referir-se às ações ligadas à defecação a céu aberto, em vez de se utilizar termos tidos como educados ou técnicos, como defecação, evacuação. Esta postura denota maior aproximação com a comunidade e naturalidade quanto ao termo que para nós, é um tabu.

Nesta pesquisa também foi adotada a postura de uso do termo **cagar**, tanto nas entrevistas, quanto na redação desta monografia. A escolha deste termo foi vista com espanto e com estranhamento por alguns colegas e familiares. “Tem certeza que vai usar o termo cagar?”. “Você vai falar sobre cagar no seu trabalho?”[risos]. Percebi nas falas uma desqualificação da importância da minha pesquisa ou do “quão científico” ela seria por insistir em adotar o termo cagar, algo que é naturalmente realizado no nosso cotidiano, mas que é completamente imbuído de embaraço e pudor, dificultando, assim, tratá-lo com naturalidade e no âmbito da pesquisa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

“não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa”²³

O presente trabalho permitiu elucidar sobre o segmento da população das localidades de estudo que opta em cagar no mato na existência de banheiro ou sanitário no domicílio, descrevendo suas percepções quanto a infraestrutura do banheiro e sua utilização. A partir dos dados e informações coletados em campo com os interlocutores e da observação participante, explorados ao longo deste trabalho, foi possível chegar a algumas conclusões, sistematizadas neste capítulo.

A construção do banheiro é realizada com recurso próprio dos moradores (exceto Cristais), seja para agradar os filhos residentes em outro local ou para pessoas de fora da comunidade que possam solicitar o uso do banheiro. A falta de condições financeiras é apontada como um dos principais motivos do não aparelhamento e melhoramento da estrutura do banheiro, como conserto e inclusão de descarga, encanamento intra-domiciliar, construção e manutenção de fossa. Tais elementos influenciam na utilização do banheiro, apesar de não serem fatores preponderantes na escolha do mato para fazer as necessidades fisiológicas.

O costume é o principal motivo que leva as pessoas a optarem pelo mato na existência do banheiro, pois já está atrelado ao seu de processo de significação. Os interlocutores nasceram e foram “ensinados” em um contexto de inexistência do banheiro e seus hábitos entram em conflito com o “novo” - a inserção do vaso sanitário - ilustrado pela aversão e incomodo na utilização desta estrutura. É partir do princípio inato de utilização do banheiro, ou seja, alguém que já nasceu com o conhecimento de como é banheiro e das práticas realizadas neste ambiente, querer que alguém que nunca foi exposto a essa infraestrutura se aproprie de imediato, utilizando-o.

Cabe destacar que é difícil cercar todos os significados que rodeiam o comportamento das pessoas, uma vez que só temos acesso marginalmente, pois as informações apresentadas são relatadas pelos interlocutores, ou seja, como eles se veem e como se apresentam aos outros. Ademais, são realizadas também as análises com base na minha interpretação das informações apresentadas pelos informantes.

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.). Trata-se, portanto, de

²³ GEERTZ, 1926, p. 14.

ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original *âtfictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 1926, p. 11).

A questão espacial também pode ser outro fator relevante para a continuidade do hábito, para os interlocutores *tudo é mato*, pois normalmente os domicílios dos entrevistados estão localizados em lugares com vegetação ao entorno da residência. No entanto, na localidade de Cristais, na sede urbana em que as casas não possuem área de vegetação ao entorno, o quintal era utilizado para a realização das necessidades fisiológicas. Outro fator que não foi aprofundado neste trabalho foi como se dá a organização no mato ou quintal, se existe um local adequado, como é a escolha do local, como é o descarte das fezes, o do papel.

Dentre as debilidades existentes neste trabalho, a oportunidade de uma discussão no campo da saúde seria de extrema relevância, pois a falta de acesso aos serviços de saneamento básico tem consequências desastrosas para a saúde, a educação, e o desenvolvimento em geral (ALBUQUERQUE, 2009, p. 5). Heller (1997) aponta que intervenções em abastecimento de água e em esgotamento sanitário proporcionam impactos positivos nas condições de saúde e na qualidade de vida da população.

Tendo em vista o significativo número de domicílios, retratado neste estudo, em que algum membro da família defecava a céu aberto mesmo possuindo banheiro, percebe-se que, nas atuais ações de saneamento básico, são adotadas medidas estruturais sem levar em consideração outros fatores relevantes que configuram a situação sanitária domiciliar, principalmente do contexto rural.

A realidade do cenário desta vertente da população brasileira que possui a prática de defecar a céu aberto e as relações socioeconômicas, demográficas e culturais que influenciam a adoção dessa prática é temática pouco abordada e investigada. Segundo o JMP (2014), a defecação a céu aberto é uma prática intimamente ligada à pobreza e à exclusão, desta forma é fundamental compreender este contexto para, assim, modificar ou pensar em políticas que possibilitem alterar este cenário que “perpetua o ciclo vicioso de doença e pobreza, sendo um afronta à dignidade das pessoas” (JMP, 2014, p. 11).

Fui desafiada por um pesquisador a propor uma alternativa, em pensar uma solução para que as pessoas utilizassem o vaso sanitário. Qual ação poderia ser desempenhada para modificar esta prática? Em minha consideração destaco a atuação no processo de socialização e educação das crianças, momento em que são introjetados

os sistemas e estruturas de códigos e padrões da nossa cultura (GEERTZ, 1926; ELIAS, 1994; RODRIGUES; 2006). Desta forma, se os pais desconhecem o uso do vaso sanitário, ou se esta mudança é tão recente ao ponto de não estar inserida na sua lógica de significação, eles não exigem de seu filho a utilização do vaso sanitário. A atuação no processo de formação da criança é fundamental para imbuir à importância da utilização do banheiro. Talvez se o ato de cagar fosse tratado pelas mídias sociais com a mesma normalidade com o qual desempenhamos diariamente, perderíamos o pudor e embaraço no trato desta prática.

Para os adultos que praticam a defecação a céu aberto ainda é mais fácil promover alterações de hábitos e comportamentos do que os idosos, menos susceptíveis a aceitação de mudanças. Ao contrário de atos de “choque” e vergonha como as práticas desempenhadas pelo CLTS ou de algumas ações que proporcionam a oferta e acesso a infraestrutura do banheiro sem o acompanhamento da sua apropriação ou ao menos sem um trabalho com a população, faz-se necessário um processo paciente, não arrogante, e integrado à comunidade para compreender todos os contextos que estão por trás da não utilização do vaso sanitário.

Cabe destacar a peculiaridade do rural, sendo assim, a necessidade de desenvolvimento de ações apropriadas a cada contexto. Aproveito a oportunidade para concluir com uma provocação diante de toda a discussão e problematização realizada neste trabalho. Que direito temos de impor condutas, regras e instituir normalizações, sob o pretexto de estarmos promovendo melhorias em um contexto? Ou mesmo de designar comportamentos como sendo anormais, pelo simples fato de extrapolarem a nossa compreensão?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, C. **Manual Prático para la realización de los Derechos Humanos al Agua y al Saneamiento de la Relatora Especial de la ONU, Catarina de Albuquerque.** INTRODUÇÃO. Portugal, 2014. Disponível em: <http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Water/Handbook/Book1_intro_sp.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2015.

ANGROSSINO, M. **Etnografia e observação participante.** Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

BARBOUR. **Grupos Focais.** Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. A. T. **Deuterônômios.** 145. Ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1971. Cap. 23:13-14, p. 239.

_____. A. T. **Efésios.** 145. Ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1971. Cap. 4:29, p. 1501.

_____. A. T. **Levíticos.** 145. Ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1971. Cap.7-21, p. 149-150.

BRITTO, A. L. N. P, et al. **Da fragmentação à articulação:** a política nacional de saneamento e seu legado histórico. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, 2012, v. 14.1: 65-83.

BROWN, C. **Um sistema comunitário da gestão da água:** abordagem sociotécnica da inovação. (Dissertação de Mestrado). M2 PEPS – Políticas Ambientais e Práticas Sociais. Universite de Toulouse le Mirail, 2014.

BRYSON, B. **Em casa:** uma breve história da vida doméstica. Tradução: Isa Mara Lando. Ed: Companhia das Letras, 2010. 536 p.

CLASEN, T. et al. **Effectiveness of a rural sanitation programme on diarrhoea, soil-transmitted helminth infection, and child malnutrition in Odisha, India:** a cluster-randomised trial. Lancet Glob Health 2014. Published Online. October 10, 2014.

COLAÇO, S. . **Beberibe, a História de um Povo:** Diversidade e Identidade cultural. 2ª. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. 260p.

DELABRIDA, Z. N. C. **O Cuidado Consigo e o Cuidado com o Ambiente Físico:** Estudos Sobre o Uso do Banheiro Público. Tese de doutorado. 137 f. Universidade de Brasília. Brasil, 2010.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador.** Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. v.1 -2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador.** Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. v.II -2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 199?.

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Ed: IMAGO. VOLUME XXI. (1927-1931).

FREITAS, A. **Listinha de Verão.** LOJAS REDE PERFUMARIA E BELEZA. Revista impressa. Out/2015. p. 4.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo:** ensaio sobre as noções de poluição e tabu (S. P. Silva Trad.). Lisboa: Edições 70, 1991.

GALVIN, M. **Talking shit:** is Community-Led Total Sanitation a radical and revolutionary approach to sanitation?. Wiley Periodicals, Volume 2, January/February 2015.

GEERTZ, C, 1926. **A interpretação das culturas.** 1 ed, 13. Reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

GIORAS, Xerez. **CE pode entrar em 2016 no maior ciclo de seca desde 1910 diz Funceme – CE.** do G1- O portal de notícias da Globo. 01 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/07/ce-pode-entrar-em-2016-no-maior-ciclo-de-seca-desde-1910-diz-funceme.html>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

HELLER, L. **Saneamento e saúde.** Brasília: OPAS - Organização Pan-americana da Saúde, 1997, 97 p.

_____. **The crisis in water supply:** how different it can look through the lens of the human right to water?. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 31(3):447-449, mar, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010. Resultados da Amostra - Famílias e Domicílios. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010FD.asp?o=15&i=P>> Acesso em: 26 set. 2014.

_____. **História dos Municípios do Ceará,** Fortaleza; RBS editora – 2003.

JOINT MONITORING PROGRAMME - JMP. **Progresos en materia de agua potable y saneamiento:** informe de actualización 2014. Genebra: OMS/UNICEF, 2014.

LARAIA, R. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, PECUARIA E ABASTECIMENTO. **Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 66 29/08/2014.** Secretaria de Política Agrícola Departamento de Economia Agrícola, Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias. Brasília / DF. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/Informativo%20estiagem%20NE%2066.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.

MASTROMAURO, G. C. **Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica:** instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH: São Paulo, julho 2011.

REDE DE SOLUÇÕES PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - SDSN. **Uma Agenda de Ação para o Desenvolvimento Sustentável.** RELATÓRIO PARA O SECRETÁRIO-GERAL DA ONU, 2013, 55p.

REZENDE, S, *et al.* **Integrando Oferta e Demanda de Serviços de Saneamento:** análise hierárquica do panorama urbano brasileiro no ano 2000. Engenharia Sanitária e Ambiental. v. 12. Nº I - jan/mar 2007, 90-101.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo.** 7.ed., ver. / José Carlos Rodrigues. – Rio de Janeiro: Ed: FIOCUR, 2006. 154 p. (Coleção Antropologia e Saúde).

SECRETARIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS. Marcha das Margaridas: Projeto para Captação de Recursos. Disponível em: <http://www.contag.org.br/sistemas/doacao/public/pdf/projeto_captacao_recursos_marcha_2015.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SPRADLEY, James P. (1980). **Participant Observation.** Orlando, Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.

TORRES, H. G.; ALVES, H. P. F. **VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NA CIDADE DE SÃO PAULO:** uma análise de famílias e domicílios em situação de pobreza e risco ambiental. São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 44-60 jan./mar. 2006.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pergunta norteadora: Quais são as razões/fatores que levam a pessoa a optar em usar o mato ao invés do banheiro?

1. Quais cômodos da sua casa você considera essenciais (mais importantes)?
2. Se você tivesse a oportunidade de melhorar/reformar sua casa, mas só tivesse dinheiro para um cômodo, qual seria?
3. Gostaria que você me dissesse o que vem a sua cabeça quando digo a palavra banheiro?
 - Ele é usado pra que? E por quem da sua família?
 - O que configura um local como banheiro? O que precisa ter?
 - Tem que ser dentro ou fora de casa?
4. Há algo no seu banheiro (alguma coisa) que te incomoda? O que?
5. O que você mudaria/melhoria em seu banheiro?
6. Você acha seu banheiro confortável?
7. Como era o banheiro no tempo dos seus pais? Onde se fazia cocô?
 - Era bom ou ruim?
 - O que mudou?
8. O que levou você a construir o seu banheiro?
9. Quanto tempo você tem ele?
10. Você sente que tem diferença em defecar no mato ao invés de defecar no banheiro?

Quais os pontos positivos e negativos de cada um?

APÊNDICE B

FOTOS DE ALGUNS BANHEIROS DOS INTERLOCUTORES



Figura 1 - Infraestrutura com encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário, descarga, lavatório e chuveiro.

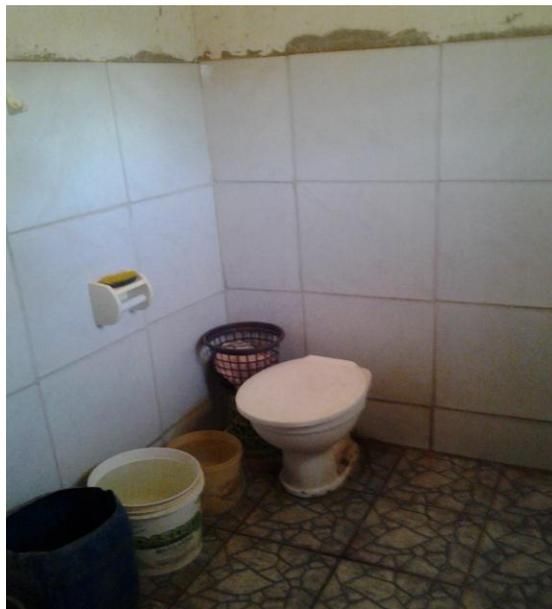


Figura 2 - Infraestrutura sem encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário, baldes e tambores de água.



Figura 3 - Infraestrutura com encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário. Apesar da presença de descarga a estrutura não funciona.



Figura 4 - Infraestrutura com encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário, descarga, lavatório e chuveiro.



Figura 5 - Infraestrutura sem encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário e revestimento de cerâmica.



Figura 6 - Infraestrutura composta por vaso sanitário. Nota-se na parede a recente incorporação do chuveiro à estrutura.



Figura 7 - Infraestrutura com encanamento intradomiciliar, composta por vaso sanitário, descarga, chuveiro, com revestimento de cerâmica.



Figura 8 - Infraestrutura composta pelo vaso sanitário nota-se uma tampa por uma tábua de madeira cobrindo o sanitário e a existência de bacias e baldes com água.